

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU**  
**Programa de Pós-graduação em Filosofia**

**A CONEXÃO ENTRE MEDIDA E VERDADE  
EM TOMÁS DE AQUINO**

**Ricardo Czepurnyj Ferrara**

São Paulo, 2013

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU**  
**Programa de Pós-graduação em Filosofia**

**A CONEXÃO ENTRE MEDIDA E VERDADE**  
**EM TOMÁS DE AQUINO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Filosofia, da Universidade São Judas Tadeu, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Filosofia por Ricardo Czepurnyj Ferrara

Orientador: Prof. Dr. Floriano Jonas Cesar

São Paulo, 2013

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Universidade São Judas Tadeu**  
Bibliotecário: Ricardo de Lima - CRB 8/7464

F374c Ferrara, Ricardo Czepurnyj  
A conexão entre medida e verdade em Tomás de Aquino / Ricardo Czepurnyj Ferrara. - São Paulo, 2013.  
60 f. ; 30 cm.

Orientador: Floriano Jonas Cesar.  
Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

1. Tomás, de Aquino, Santo, 1225 - 1274. 2. Filosofia medieval. I. Cesar, Floriano Jonas. II. Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Filosofia. III. Título

CDD 22 – 189.4

“Se, pois, a felicidade última do homem não consiste nas coisas exteriores ditas bens da fortuna, nem nos bens corpóreos, nem nos bens da parte sensitiva da alma, nem na parte intelectual referente às virtudes morais, nem nas virtudes intelectuais ativas, a saber, na prudência e na arte; de tudo isso resulta que a felicidade última do homem está na contemplação da verdade.”  
(Tomás de Aquino, *Suma contra os gentios*, III, XXXVII)

A Deus, Suma Verdade, Suma Medida, que não precisa dos meus agradecimentos, sou eu que preciso agradecer, ainda que reconheça que as palavras não traduzem tudo aquilo que o coração quer dizer.

Às minhas avós Apolina Czepurnyj (in memoriam, in cor) e Haydée Barreto Ferrara (in memoriam, in cor), que desfrutam da visão beatífica da Verdade.

Aos meus pais, Rogério Barreto Ferrara e Gina Czepurnyj.

À minha companheira Cássia Carrilho Martins.

Ao professor Dr. Floriano Jonas Cesar, pela paciência, por sua entrega sem medidas à orientação dessa dissertação.

## RESUMO

O processo de cognição da verdade pode ser entendido a partir de duas operações intelectuais: a simples apreensão, e a composição e divisão. Na primeira, a coisa se manifesta ao intelecto e esse por sua vez apreende sua quiddidade. Contudo, essa operação não é suficiente para o bom desfecho do processo da verdade, uma vez que aí o intelecto humano nada produz de próprio. É na segunda operação que o intelecto produz algo próprio: o julgamento, a capacidade de unir ou separar sujeitos de predicados. Essa atividade intelectual nada mais é que a reflexão, a capacidade de o intelecto humano voltar a si mesmo. No mesmo processo cognitivo da verdade, Tomás analisa como o conceito de medida pode ser relacionado. No domínio divino, Tomás de Aquino afirma que o intelecto divino é a primeira medida e primeira verdade, e isto implica a produção das coisas e do intelecto humano, componentes imprescindíveis da adequação. No domínio humano, Tomás explica uma importante distinção aristotélica: intelecto especulativo e intelecto prático. Enquanto o primeiro recebe as coisas, ou seja, movido e mensurado por elas, o segundo causa as coisas, e por isso, mensurador.

**Palavras-chaves:** Tomás de Aquino, verdade, medida, adequação, intelecto humano, intelecto divino, coisa natural, coisa artificial, ser.

## ABSTRACT

The process of cognition of truth can be understood from two operations intellectual: the simple apprehension, and the composition and division. In the first, the thing is manifested to the intellect and this in its turn apprehends his basics. However, this operation is not sufficient for the good outcome of the process of truth, once that the human intellect produces nothing of himself. It is in the second operation that the intellect produces something myself: the judgment, the ability to join or separate subject of predicates. This intellectual activity is nothing more than the reflection, the capacity of the human intellect back to himself. In the same cognitive process of truth, Thomas examines how the concept of measurement can be related. In dealing divine, Thomas Aquinas says that the divine intellect is the first measure and first truth, and this implies the production of things and of the human intellect, essential components of adequacy. In dealing human, Thomas explains an important distinction aristotle: intellect speculative and practical. While the first receives the things, moved and measured by them, the second measure things, and therefore, measurer.

**Key-words:** Thomas Aquinas, truth, measure, adequacy, human intellect, divine intellect, natural object, artificial object, being.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	001
<b>Capítulo 1</b> - A constituição da primeira operação de simples apreensão.....	005
<b>Capítulo 2</b> - A constituição da segunda operação de composição e divisão.....	018
<b>Capítulo 3</b> - A aproximação entre medida e verdade.....	033
<b>Conclusão</b> .....	045
<b>Referências bibliográficas</b> .....	049

## Introdução

Esta dissertação tem origem numa preocupação antiga, fruto de continuados estudos desde o bacharelado em filosofia e concomitante ingresso no programa de iniciação científica, que resultaram em um trabalho de conclusão de curso e um mapeamento, ambos com o mesmo foco: verdade e conhecimento em Tomás de Aquino. Esses estudos serviram de base para o mestrado, que veio a se concentrar nas operações do intelecto humano na teoria da verdade em Tomás de Aquino e cujo desenvolvimento chamou nossa atenção para o lugar da medida nessa teoria.

Essas operações são divididas basicamente em duas: a primeira operação, de simples apreensão, que realiza a captação da espécie a partir das coisas naturais, e a segunda operação de composição e divisão, pela qual o intelecto humano se volta para si mesmo, concebendo julgamentos. Como veremos, a espécie apreendida, por si mesma, não é capaz de desenvolver o processo cognitivo da verdade, pois, ainda que a verdade se encontre de certa maneira nas coisas naturais e nos sentidos, é no intelecto humano que ela está de modo prioritário. Na segunda operação, o intelecto ao mesmo tempo percebe a si mesmo e ao seu ato e julga se a coisa é ou não de certa maneira na realidade.

Ao tratar da teoria da verdade em Tomás de Aquino, esse estudo visa enfrentar certas questões: onde está a verdade? Estaria nas coisas, no intelecto humano, nos sentidos ou em todas essas? Em que sentido a verdade se encontra nas coisas naturais, no intelecto humano e nos sentidos? Estaria na primeira operação, na segunda operação ou em ambas? Caso esteja nas duas, em que medida a verdade pode ser aplicada a essas operações intelectuais? Embora essas questões perpassem a obra de Tomás de Aquino, nosso percurso se concentrará nas *Questões Disputadas sobre a Verdade* e na *Suma de Teologia*, indicando, porém, em nota de rodapé, outras obras em que determinado assunto apareça.

Dada a limitação do intelecto humano e das coisas naturais, o intelecto humano procede por etapas.<sup>1</sup> O processo cognitivo da verdade inicia-se na apreensão da espécie a partir das coisas naturais.<sup>2</sup> No primeiro capítulo, abordaremos essa primeira operação, na qual a coisa natural se manifesta ao intelecto humano, e este capta sua espécie. Examinaremos a convertibilidade entre verdade e ente, e também dois princípios pressupostos nesse processo, a saber, a semelhança, pela qual “*o semelhante se conhece pelo semelhante*” (Aristóteles, *Sobre a alma* I, 5, 409 b 26; cf. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 84, 2 c.), e a recepção, pela qual “*tudo o que é recebido, é recebido ao modo do recipiente*” (*Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 84, 1 c *in fine*).<sup>3</sup>

No segundo capítulo, analisaremos a segunda operação de composição e divisão. De fato, embora as coisas naturais sejam importantes na gênese do processo cognitivo da verdade, esta não se encontra estritamente nas coisas naturais, mas no intelecto humano, precisamente na segunda operação de composição e divisão, através da qual se estabelece a adequação entre intelecto e coisa. Essa operação se vincula ao caráter reflexivo do intelecto. A reflexão é o ato do intelecto humano voltar-se para si mesmo.<sup>4</sup> Nesse movimento, ele conhece a proporção entre seu ato e a realidade circundante. Sob o prisma da reflexão, o intelecto serve-se da espécie para produzir um juízo, associando ou dissociando sujeito e predicado. Nessa operação, ele produz algo próprio, a conexão ou desconexão entre um objeto e um atributo, ausente da coisa natural na realidade.<sup>5</sup>

Em suas análises sobre a verdade, Tomás de Aquino refere-se várias vezes ao termo “medida”, que valerá um capítulo, dedicado a fazer um levantamento desse tópico frequentemente esquecido ou negligenciado no pensamento de Tomás de Aquino. Essa discussão entre medida e verdade aparece em diversos textos, como *Comentário sobre as Sentenças*, *Questões*

---

<sup>1</sup> Segura, Carmen, **La dimensión reflexiva de la verdad. Una interpretación de Tomás de Aquino**, P. 193

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*, P. 128

<sup>3</sup> NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. “*As questões da primeira parte da Suma de Teologia de Tomás de Aquino sobre o conhecimento intelectual humano*”. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. [Primeira parte, Questões 84-89]. Ed. Bilingüe. Trad. C. A. R. do Nascimento, P.21

<sup>4</sup> Segura, Carmen, **La dimensión reflexiva de la verdad. Una interpretación de Tomás de Aquino**, P. 190

<sup>5</sup> Wippel John F., **Truth in Thomas Aquinas II**, P.475; e BOEHNER, P. et GILSON, E. **História da filosofia cristã**. Desde as origens até Nicolau de Cusa, P.475

*Disputadas sobre a Verdade, Suma contra os Gentios, Comentário sobre os Nomes Divinos, Questões Disputadas sobre o Poder de Deus, Suma de Teologia, Comentário a Física, Peri Hermeneias, e finalmente o Comentário à Ética a Nicômaco.*

Esses textos trazem contribuições diversas sobre a medida. No *Comentário sobre as Sentenças*,<sup>6</sup> Tomás afirma que a verdade divina sustenta todas as verdades criadas, e essas são medidas para o intelecto humano. Tomás aprofunda o tema da medida nas *Questões Disputadas sobre a Verdade*,<sup>7</sup> relacionando-a ao conceito da verdade como adequação e comensurabilidade. Talvez esteja nessa obra a evidência mais cabal da aproximação entre verdade e medida em Tomás. Ele mostra aí que encontra esse tema em fontes bíblicas, mais precisamente no livro da Sabedoria comentado por Agostinho. Tomás de Aquino também menciona graus de verdade. Também comenta a distinção aristotélica entre intelecto especulativo, mensurado pelas coisas naturais, e intelecto prático, medida das coisas artificiais.

Na *Suma contra os Gentios*,<sup>8</sup> Tomás de Aquino trata do movimento circular pelo qual Deus cria todas as coisas e a criação retorna ao seu criador. Ele também desenvolve mais claramente a ideia de que o intelecto divino, além de ser a primeira verdade, é a primeira medida, portanto toda a verdade é mensurada pela verdade primeira, ou seja, por Deus. No *Comentário sobre os Nomes Divinos*<sup>9</sup>, a única referência à medida parece ser uma relacionada ao fato de que todo efeito corresponde a uma causa. Nas *Questões Disputadas sobre a Potência de Deus*,<sup>10</sup> Tomás fixa-se na potência divina como a medida de todas as potências criadas.

Na *Suma de Teologia*,<sup>11</sup> Tomás retoma o tema de Deus como uno, causa de sua própria intelecção e medida da realidade. Desse modo, as coisas naturais, criadas pelo intelecto divino, precedem o intelecto humano e são intermediárias entre o intelecto divino e o intelecto humano. No *Comentário à*

---

<sup>6</sup> Texto escrito por Tomás no primeiro ensino em Paris entre 1252-1259.

<sup>7</sup> Texto escrito por Tomás no primeiro ensino em Paris entre 1252-1259.

<sup>8</sup> Texto escrito por Tomás no primeiro ensino em Paris entre 1258-1264, tendo sua conclusão em Nápoles entre 1259-1261 e Orvieto entre 1258-1264.

<sup>9</sup> Texto escrito por Tomás no primeiro ensino na Itália, Orvieto entre 1261-1265.

<sup>10</sup> Texto escrito por Tomás de Aquino em Roma entre 1265-1268.

<sup>11</sup> Texto escrito por Tomás em Roma entre 1265-1268, retomado no segundo ensino em Paris entre 1268-1272, e no segundo ensino em Nápoles entre 1272-1274, ficando inacabado.

*Física*<sup>12</sup>, ele desenvolve a distinção entre medida extrínseca e medida intrínseca, enquanto o *No Peri Hermeneias*<sup>13</sup> trata mais diretamente da medida no contexto cognitivo. A coisa natural mensura o intelecto humano iniciando o processo que tem o seu desdobramento no intelecto humano, culminando na *adaequatio*. Essa obra também aponta o caráter mensurador do intelecto humano quando concebe coisas artificiais. Por fim, no *Comentário à Ética à Nicômaco*,<sup>14</sup> Tomás de Aquino caracteriza a quantidade como medida da substância.

---

<sup>12</sup> Texto escrito por Tomás no segundo ensino em Paris entre 1268-1272.

<sup>13</sup> Texto escrito por Tomás no segundo ensino em Paris entre 1268-1272

<sup>14</sup> Texto escrito por Tomás no segundo ensino em Paris entre 1268-1272

## Capítulo 1 - A constituição da primeira operação de simples apreensão

No presente capítulo, percorreremos especificamente a primeira operação do intelecto humano, a simples apreensão, no processo de apreensão da verdade. Esse ponto aparece em vários textos ao longo da obra de Tomás de Aquino. Ele examina a questão da verdade sob três pontos de vista fundamentais, a saber, segundo o intelecto divino, segundo o intelecto angélico e segundo o intelecto humano. Examinaremos em nosso trabalho apenas o último.

Escrito no primeiro ensino de Tomás em Paris (1252 - 1259) o *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio*, Tomás de Aquino comenta trechos do pensamento boeciano, mais precisamente, o aspecto teológico da Trindade<sup>15</sup>. Tomás diz aí que, na primeira operação do intelecto humano, a espécie apreendida ocupa certo grau entre os entes. Ele também analisa sobre um aspecto especial da primeira operação intelectual, a abstração. A separação de forma e matéria sensível, realizada pelo intelecto humano.

Ainda nessa época, Tomás iniciou a *Suma contra os Gentios* continuada no período que Tomás passou em Nápoles (1259 – 1261) e concluída em 1264 em Orvieto. Esse texto catequético, visando os gentios, explora a dicotomia entre verdade divina e verdade humana. Essa relação especificamente à primeira operação do intelecto humano Tomás de Aquino aponta sobre a imperfeição do intelecto, o que, juntamente com a limitação das coisas naturais e dos sentidos, faz com que ele opere por etapas.

Pouco tempo depois, nas *Questões Disputadas sobre a Alma*, escritas em Roma entre 1265 e 1268, Tomás retoma algumas dessas questões e aborda outras correlatas. Comentando aquela obra aristotélica, ele identifica a potência cognitiva como responsável pelo conhecimento (não propriamente a espécie cognoscível apreendida pelo intelecto a partir das coisas naturais), e a intelectão como a operação própria do intelecto humano, independente de um órgão corporal. Ao contrário dos sentidos o intelecto humano pode ser considerado a “*espécie das espécies*”<sup>16</sup>, pois recebe as espécies inteligíveis imateriais. Ele próprio é imaterial e, nesse sentido, divino e

---

<sup>15</sup> Para essa cronologia das obras de Tomás, consultamos NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. **Santo Tomás de Aquino, o Boi Mudo da Sicília**, P.105-108

<sup>16</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões Disputadas sobre a Alma**, q. 8, ad. 20.

incorrupível, isento dos condicionamentos da matéria. Por outro lado, por conta de limitações naturais do intelecto humano e das coisas, o intelecto opera por etapas e não imediatamente. Ele é, assim, superior aos sentidos, inclusive porque esses não apreendem noções como útil e nocivo, mas evidentemente inferior ao intelecto divino. Este se encontra no topo dos seres, tendo criado tudo e tudo conhecendo num único ato.

Dois outros comentários, escritos durante a segunda estada de Tomás em Paris, entre 1268 e 1272, abordam questões discutidas em textos anteriores e explicitam alguns conceitos importantes para a discussão sobre a verdade. Dada a própria natureza dessas obras, Tomás segue aí, mais de perto, a letra do texto aristotélico. No *Comentário à Metafísica*, Tomás fala sobre o caráter receptivo da matéria e a concepção de uma variedade de coisas numa mesma espécie, ambas teses originalmente platônicas. No *Peri Hermeneias*, Tomás de Aquino refere-se à da primeira operação intelectual, a simples apreensão ou a inteligência dos indivisíveis como ordenada à segunda operação de compor e dividir. Também aponta o intelecto divino como a medida de todas as coisas, além de mostrar o caráter verdadeiro dos sentidos em relação à sua medida, a coisa natural.

Em que pese a importância desses textos, o tema da verdade encontra-se analisado de maneira mais sistemática em dois outros textos, a saber, as *Questões Disputadas sobre a Verdade* e a *Suma de Teologia*, que seguiremos em nossa análise. O primeiro foi escrito durante o primeiro ensino de Tomás em Paris, entre 1252 e 1259. Nunca terminada, a escrita da Suma de Teologia entende-se por um período mais amplo, começando no período em Roma (1265 – 1268) retomado no segundo ensino em Roma (1268 – 1272) e no segundo ensino em Nápoles (1272 – 1274).

As *Questões Disputadas sobre a Verdade* concentram a maior parte dessa exposição sobre a primeira operação do intelecto humano. Tomás de Aquino segue aí o método da *disputatio*, como se sabe, comum na escolástica. Este método baseia-se na apresentação de um problema, com argumentos a favor e contra, a conclusão e a resposta aos argumentos contrários. Nessa discussão, Tomás toma concepções da verdade de autores como Agostinho e Avicena. Em menor proporção, recorreremos à *Suma de Teologia* para destacar algumas questões específicas, que merecem um maior esclarecimento na

análise da operação de simples apreensão, como teremos a oportunidade de mostrar.

Nossa abordagem será pautada pela exposição da convertibilidade entre ser e verdade, a explicação da primeira concepção de verdade, a primeira operação da simples apreensão, e o papel da imaterialidade e universalidade na apreensão da verdade.

Uma das conseqüências de Tomás analisar a verdade seguindo o método da “*disputatio*” seja o fato de ele trazer para sua análise uma série de pontos de vista sobre a verdade, originalmente não conectados. Ele se refere, por exemplo, à verdade nas coisas, no intelecto humano e no intelecto divino. As duas primeiras, e a necessidade de relacioná-las, aparecem claramente nas partes iniciais das *Questões Disputadas sobre a Verdade*. Esse assunto decorre de outro: a evidência do ente para o intelecto humano. Seguindo o comentário de Avicena à *Metafísica* 1,6, Tomás examina a primazia<sup>17</sup> do ente para o intelecto humano, que o concebe como o mais evidente nas coisas: “*aquilo, que o intelecto (intellectus) por primeiro concebe como a coisa mais evidente de todas (quase notissimum) e à qual se reduzem todos os seus conceitos (conceptiones)*”<sup>18</sup> Essa passagem evidencia a abertura do ser para outros seres e também que “*todo o ser é pensável*”<sup>19</sup>, como afirma Gardeil.

Mas isso não significa que a verdade se encontre prioritariamente aí. De fato, “*o complemento de qualquer de qualquer movimento ou operação está em seu término*”, e no caso da verdade, esse movimento “*termina na alma*”:

“(...) a coisa (res) fora da alma (extra animam) move o intelecto, a coisa entendida (res intellecta) move o apetite (appetitum), o apetite tende à coisa da qual o movimento

---

<sup>17</sup> Ainda que Tomás de Aquino trate sobre essa primazia do ente, ele também considera a primazia do intelecto em textos como as *Questões Disputadas sobre a Alma*: “(...) o homem recebe o nome de intelecto (homo dicitur intellectus), porque o intelecto é o que há de supremo no homem (intellectus dicitur id quod est potius in homine) (...)” TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 11, ad. 13.

<sup>18</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>19</sup> “A primeira idéia que se pode fazer do conhecimento é a da abertura de um ser em relação aos outros. Abro os olhos e é todo um conjunto de objetos externos que se põe em comunhão comigo. Eu penso e um mundo de realidades diversas invade o campo de minha consciência. E esta extensão, esta projeção de meu ser para aquilo que não é ele, parece-me ter algo de indefinidamente renovável e de ilimitado. Vinte vezes posso contemplar o mesmo quadro e ao infinito posso olhar tantos outros. Tratando-se do conhecimento intelectual, nada do que existe parece escapar às presas de minha percepção: sim, todo o ser é pensável, isto é, inteligível.” GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino**. Psicologia, P.81-82

*principiou. E como o bem (...) indica o ajustar-se do ente ao apetite, o verdadeiro, do ente ao intelecto.”*<sup>20</sup>

Em outro trecho das *Questões Disputadas sobre a Verdade*, Tomás de Aquino afirma que as formas existem no intelecto humano precisamente por uma ação das coisas naturais sobre ele:

*“Na mente que recebe a ciência das coisas, com efeito, as formas existem por uma ação das coisas sobre a alma; toda ação, com efeito, é pela forma; donde as formas que existem na nossa mente, primeira e principalmente, dizem respeito às coisas existentes fora da alma, quanto às formas delas.”*<sup>21</sup>

Não se trata da coisa exterior invadir o pensamento, mas de um reconhecimento intelectual da presença da espécie, que tem o seu ápice na segunda operação de composição e divisão que será tratada no próximo capítulo.<sup>22</sup> A coisa exterior, portanto, inicia o movimento de apreensão da verdade.

Buscando a especificidade da verdade, Tomás falará de uma distinção conceitual entre o verdadeiro e o ente: *O verdadeiro e o ente (verum et ens) diferem conceitualmente (differunt ratione) porque há na noção de verdadeiro (ratione veri) algo que não se encontra na noção de ente (rationis entis) (...).*<sup>23</sup> Pois o conceito de verdadeiro, continua, abarca algo não encontrado no conceito de ente: Trata-se agora de saber em que sentido e o que a verdade acrescenta ao ente. Citando Aristóteles, ele assevera que *“nada de estranho”* pode ser adicionado ao ente, como acontece com *“a diferença ser acrescentada ao gênero ou o acidente ao sujeito”*<sup>24</sup>, como toda natureza e

---

<sup>20</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 2, r. *“(…) deve-se dizer que ainda que a verdade de nosso intelecto seja causada pela coisa (veritas intellectus nostri a re causetur), não se segue que a razão da verdade se encontre primeiro na coisa (non tamen oportet quod in re per prius inveniatur ratio veritatis), assim como a razão da saúde não se encontra primeiro no remédio e sim no animal. É a virtude ativa do remédio, não sua saúde, que causa a saúde; pois trata-se de um agente não unívoco. Assim também é o ser da coisa, e não sua verdade, que causa a verdade no intelecto (et similiter esse rei, non veritas eius, causat veritatem intellectus). Por isso, diz o Filósofo: ‘Uma opinião ou uma palavra é verdadeira porque a coisa é, e não porque a coisa é verdadeira.’ (ex eo quod res est, non ex eo quod res vera est).”* TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 1, ad. 3.

<sup>21</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 10, 4, r.

<sup>22</sup> *“A coisa conhecida não invadiria o pensamento, como realmente não o invade, e que seria no entanto conhecida nela mesma, através da presença de sua espécie no pensamento que a conhece.”* GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno, P.321

<sup>23</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, ad. 3.

<sup>24</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

também essencialmente ente, “*não pode ser um gênero.*”<sup>25</sup> Assim sendo, é preciso examinar, então, como se acrescenta algo ao ente, que não seja da mesma maneira como a diferença acrescenta algo ao gênero, ou o acidente ao sujeito.

Tomás admite que algumas coisas acrescentam algo ao ente, no sentido de expressar em “*um modo do próprio ente não expresso pelo nome ‘ente’.*”<sup>26</sup> Isso pode ser dito de duas maneiras: “*quando o modo expresso*” representa “*um modo especial do ente*” ou “*um modo geral*” aplicável a qualquer ente.<sup>27</sup> Tomás ilustra o primeiro modo com o gênero:

*“a substância não acrescenta ao ente nenhuma diferença (substantia enim non addit super ens aliquam differentiam) que designe alguma natureza a ele justaposta (naturam superadditam enti), mas com o nome substância (nomine substantiae) exprime-se um certo modo especial de ser (specialis quidam modus essendi), a saber, o ente por si, e assim para os outros gêneros (aliis generibus).”*<sup>28</sup>

O segundo modo é subdividido em outros dois: “*enquanto se aplica a todo ente em si ou enquanto se aplica a um ente referido a outro.*”<sup>29</sup> Em relação ao primeiro caso, pode-se dizer do ente, afirmativamente, apenas “*que ele é*” e, negativamente, que é indiviso, ou seja, uno. O último modo – “do ente referido a outro” – também se subdivide em “*segundo a alteridade*” e “*segundo o ajustar (convenire) de um ente a outro.*”<sup>30</sup> Interessa-nos em particular esse ajustamento o qual exige “*(...) alguma coisa que por sua natureza seja apta a ir ao encontro (convenire) de todo o ente*”; tal “*é precisamente a alma, a qual ‘de certo modo é todas as coisas,’ como se diz no III De Anima.*”<sup>31</sup> Estamos aqui

---

<sup>25</sup> “*Mas ao ente não se pode acrescentar nada de estranho (sed enti non possunt addi aliqua quae extranea), como no caso da diferença ser acrescentada ao gênero ou o acidente ao sujeito (per modum quo differentia additur generi, vel accidens subiecto), daí que também o Filósofo (Metafísica 3, 8) demonstra que o ente não pode ser um gênero (ens non potest esse genus).* TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>26</sup> “*Mas ao ente não se pode acrescentar nada de estranho (sed enti non possunt addi aliqua quae extranea), como no caso da diferença ser acrescentada ao gênero ou o acidente ao sujeito (per modum quo differentia additur generi, vel accidens subiecto), daí que também o Filósofo (Metafísica 3, 8) demonstra que o ente não pode ser um gênero (ens non potest esse genus).* TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>27</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>28</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>29</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>30</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>31</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r. *Adequação é possível pela originária abertura do nosso intelecto, que em virtude de sua imaterialidade, pode ser quodammodo omnia, posto que possui as formas inteligíveis de todas as coisas. (...). Se é*

diante da conveniência do ente ao intelecto expressa pelo nome “verdadeiro.”<sup>32</sup>

Essa longa classificação sobre como a verdade acrescenta algo ao ente leva a três definições da verdade, apresentadas por Tomás na solução da questão 1. A primeira está calcada “*no que precede a noção de verdade e na qual se fundamenta o verdadeiro*”, ou seja, no ente. A segunda definição assenta-se “*naquilo em que formalmente se realiza a noção de verdadeiro*”, isto é, na adequação entre coisa e o intelecto. Por último, a terceira definição se alicerça no efeito da verdade. Analisaremos a segunda e a terceira definições no próximo capítulo. Interessa-nos agora apenas a primeira. Nessa, Tomás menciona Agostinho, Avicena e de um autor anônimo. Todos enfatizam a relação entre ser e verdadeiro. Para Agostinho<sup>33</sup>, por exemplo, o “*verdadeiro é o que é.*” Avicena chama a atenção para o fato de a verdade se constituir num atributo que todo ser possui: “*A verdade de qualquer coisa é a propriedade do ser que lhe foi assinalada.*”<sup>34</sup>, e a definição anônima afirma que: “*O verdadeiro é a indivisão do ser e daquilo que é.*” Em outras palavras, o verdadeiro expressa algo sobre as coisas, é uma qualidade do ente, algo trazido pelo ente. Mas como mostraremos no capítulo 2, ele também o ultrapassa, sendo certo ajustamento entre ente e intelecto.

No artigo das *Questões Disputadas sobre a Verdade*, Tomás avança na discussão sobre o movimento de cognição da verdade. Daí conclui que “*todos os conceitos do intelecto*”, inclusive o conceito da verdade, “*sejam obtidos por acréscimo ao ente.*” O problema está posto de maneira clara no início do artigo: dada a conversibilidade entre verdadeiro e ente, e o fato de o ente encontra-se “antes nas coisas do que na alma”, pareceria que o verdadeiro também se encontraria antes nas coisas. Mas Tomás explica na solução, a maneira diferente como o verdadeiro se encontra num e noutro: “*o verdadeiro encontra-se nas coisas posteriormente (per posterius invenitur verum in rebus), primariamente pois no intelecto (per prius autem in intellectu).*”<sup>35</sup> Vale destacar aí a maneira como Tomás concebe a convertibilidade entre verdadeiro e ente

---

*possível a verdade é por essa identidade atual que se dá entre o inteligível e o intelectual. Identidade que é possível em virtude do caráter estritamente imanente do conhecimento.*” Segura, Carmen, **La dimensión reflexiva de la verdad. Una interpretación de Tomás de Aquino**, P.186

<sup>32</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>33</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>34</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, r.

<sup>35</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 2, r.

num e noutra caso. Ele afirma que essa pode ser aplicada tanto para o intelecto quanto à coisa, mas de maneira diferenciada.<sup>36</sup> No que versa as coisas, o verdadeiro é convertível com o ente por predicção, pois “(...) *todo o ente é adequado ao intelecto divino (omne enim ens est adaequatum intellectui divino) e pode adequar a si o intelecto divino e reciprocamente – (et potens adaequare sibi intellectum humanum, et e converso).*”<sup>37</sup> No que versa o intelecto humano, o verdadeiro é convertível com o ente exterior à alma, o que não se caracteriza como predicção, mas consequência pois é “(...) *necessário que a cada intelecto verdadeiro corresponda algum ente e reciprocamente. (eo quod cuilibet intellectui vero oportet quod respondeat aliquod ens, et e converso).*”<sup>38</sup>

A primeira operação tem a participação ativa do intelecto, “*que forma a quiddidade das coisas (formans quidditatem rerum).*”<sup>39</sup> Mas esse tem então “*somente a semelhança das coisas (similitudinem rei) existentes fora da alma (extra animam)*”<sup>40</sup> Essa quiddidade nada mais é do que a essência da coisa, “*a natureza abstrata da coisa*”, a essência prescindida de qualquer singularização, como nos ensina Gardeil.<sup>41</sup>

Tomás apresenta<sup>42</sup> dois sentidos de como o ente “*só pode se*

---

<sup>36</sup> “(...) o verdadeiro diz-se primeiramente do intelecto (*verum per prius dicitur de intellectu vero*) e posteriormente da coisa com que se dá adequação (*et per posterius de re sibi adaequata*). Em ambos os casos é convertível com o ente (*etv utroque modo convertitur cum ente*), mas de modo diverso (*sed diversimode*).” TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 2, ad. 1.

<sup>37</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 2, ad. 1.

<sup>38</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 2, ad. 1.

<sup>39</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 3, r. A discussão da primeira operação também aparece no *Comentário sobre o Tratado da Trindade de Boécio*: é “(...) denominada inteligência dos indivisíveis pela qual conhece de tudo, o que é.” e “(...) *‘natureza da coisa, de acordo com a qual a coisa inteligida ocupa um certo grau entre os entes, quer seja uma coisa completa com um certo todo, quer uma coisa incompleta como uma parte ou um acidente.*” TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio**, q. 5, 2, r. Essa discussão também aparece *relacionada com a abstração e a matemática*: “(...) *que é a abstração da forma da matéria sensível; esta compete à matemática.*” TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio**, q. 5, 3, r.

<sup>40</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 3, r.

<sup>41</sup> “Essa ‘quiddidade’ que constitui o objeto próprio da inteligência humana, designa a natureza abstrata da coisa, isto é a natureza considerada independentemente de tudo o que a singulariza ou a individualiza. É próprio da inteligência humana, com efeito, conhecer a forma existente, em verdade, na matéria corporal, mas não enquanto está em tal matéria. Ora, conhecer o que está na matéria individual, mas não enquanto está em tal matéria, é abstrair a forma da matéria individual que as imagens representam.” GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino**. Psicologia, P.94

<sup>42</sup> “(...) *deve-se dizer que quando se diz que o ente só pode ser apreendido sob a razão de verdadeiro (ens non potest apprehendi sine veri), isto se pode compreender de duas maneiras. Primeira, o ente não é apreendido (non apprehendatur) se a razão de verdadeiro não*

*apreendido sob a razão de verdadeiro.*” O primeiro modo expressa a relação entre ente e verdadeiro, o ente não pode ser apreendido se a razão de verdadeiro não se seguir à apreensão do ente. O segundo modo expressa a relação entre ente e inteligibilidade, o ente não pode ser conhecido se não for inteligível.

Na *Suma de Teologia*, primeira parte, questões 84 e 85, ao discutir como a alma compreende coisas corporais, Tomás aponta algumas outras características importantes da primeira operação do espírito, a saber: a imaterialidade, universalidade e necessidade, através das quais o intelecto recebe “*as espécies dos corpos.*”<sup>43</sup> A conversibilidade entre ente e verdadeiro reaparece com outros detalhes na primeira parte da *Suma de Teologia*, questão 16, artigo 3.

Tomás explica nessa passagem que “*na medida em que uma coisa participa do ser (unumquodque autem in quantum habet de esse), nessa mesma medida ela é cognoscível (intantum est cognoscibile)*”<sup>44</sup> ou seja, sua verdade pode ser apreendida, pois conhecer é conhecer a verdade; e verdadeiro acrescenta “*ao ser uma relação com o intelecto (verum*

---

*se segue à apreensão do ente (nisi ratio veri assequatur apprehensionem entis) (...) Mas poder-se-ia também compreender que o ente não pode ser apreendido sem que seja apreendida a razão de verdadeiro, e isto é falso. (ens non posset apprehendi, nisi apprehendatur ratio veri. Et hoc falsum est). Ao contrário, o verdadeiro não pode ser apreendido se não se apreende a razão do ente (verum non potest apprehendi, nisi apprehendatur ratio entis), pois o ente está incluído na razão de verdadeiro (ens cadit in ratione veri). O mesmo acontece se relacionamos o inteligível ao ente (intelligibile ad ens). Não se pode conhecer o ente, sem que ele seja inteligível (non enim potest intelligi ens, quin ens sit intelligibile); e no entanto pode-se conhecer o ente sem que seja conhecida sua inteligibilidade (sed tamen potest intelligi ens, ita quod non intelligatur eius intelligibilitas). E igualmente o ente que o intelecto conhece é verdadeiro (ens intellectum est verum); mas, conhecendo o ente, não se conhece o verdadeiro (intelligendo ens, intelligitur verum).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 3, ad. 3.*

<sup>43</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 84, 1, r. Vemos também esta questão da imaterialidade mais claramente em outro trecho das *Questões disputadas sobre alma*, pela qual Tomás afirma categoricamente que o princípio intelectual não é constituído por forma e matéria, contudo, possui um ser, daí seria incorruptível, divino e perpétuo, tese esta que Tomás de Aquino recebe de Aristóteles no *De Anima* III, 5 (430a 23): “*(...) tal princípio intelectual não é algo composto de matéria e forma (intellectivum principium non est aliquid ex materia et forma), pois as espécies são nele recebidas de modo totalmente imaterial (species omnino recipiuntur in ipso immaterialiter). Isto se afirma pelo fato de que o intelecto é [receptivo] dos universais (intellectus est universalium), que são considerados em abstração da matéria e das condições materiais (in abstractione a materia et a materialibus). Resta, portanto, que o princípio intelectual pelo qual o homem intelige seria uma forma possuidora de ser (principium intellectivum quo homo intelligit, sit forma habens esse); donde é necessário que seja incorruptível (quod sit incorruptibilis). E é isto que também diz o Filósofo: o intelecto é algo divino e perpétuo (intellectus est quoddam divinum et perpetuum).*” TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q.14, r.

<sup>44</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 3, r.

*comparationem ad intellectum*).<sup>45</sup> Primeiro, no tocante às coisas, o verdadeiro é convertível com o ente segundo a substância. Interessa-nos, porém, sobretudo, a maneira como o verdadeiro presente no intelecto é convertível com o ente, a saber, de acordo com a relação entre o que manifesta e o manifestado:

*“Mas o verdadeiro que está no intelecto é convertível com o ente (verum quod est in intellectu, convertitur cum ente), como o que manifesta é convertível com o que é manifestado (ut manifestativum cum manifestato). (...) Poder-se-ia dizer ainda que o ente, como o verdadeiro, está nas coisas e no intelecto (ens est in rebus et in intellectu, sicut et verum); ainda que o verdadeiro se encontre principalmente no intelecto (verum principaliter in intellectu) e o ente principalmente nas coisas (ens vero principaliter in rebus).”<sup>46</sup>*

Ele critica as opiniões tanto dos primeiros filósofos quanto de Platão sobre a maneira como conhecemos a natureza das coisas:

*“(...) o intelecto recebe a seu modo, imaterial e imutavelmente as espécies dos corpos que são materiais e mutáveis (et similiter intellectus species corporum, quae sunt materiales et mobiles, recipit immaterialiter et immobiliter, secundum modum suum)”<sup>47</sup>*

Aí entra em cena um conceito utilizado por Tomás de Aquino: a espécie.<sup>48</sup> Ele o utiliza como intermediário entre as coisas naturais e o intelecto

---

<sup>45</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 3, r.

<sup>46</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 3, ad.1.

<sup>47</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 84, 1, r.

<sup>48</sup> Não é nosso objetivo tratar sobre a espécie, que se distingue da quiddidade. Enquanto a primeira é o resultado da abstração do universal a partir do universal, a quiddidade é algo apreendido pelo intelecto, confuso. Sobre a espécie: “Conhecemos primeiro o indivisível que é o contínuo e o indivisível que é a espécie porque conhecemos primeiro de maneira confusa o que depois conhecemos de maneira distinta. O indivisível que é totalmente indivisível e que não é divisível nem em ato, nem em potência é conhecido pelo nosso intelecto posteriormente, por privação da divisibilidade.” NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. “As questões da primeira parte da Suma de Teologia de Tomás de Aquino sobre o conhecimento intelectual humano”. In: TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia**. [Primeira parte, Questões 84-89]. Ed. Bilingüe. Trad. C. A. R. do Nascimento, P.18 Tomás de Aquino trata sobre a espécie na *Suma de Teologia*: “(...) o intelecto que abstrai a espécie não só da matéria (et intellectus, qui abstrahit speciem non solum a materia), mas também das condições materiais individuantes (a materialibus conditionibus individuantes), conhecer mais perfeitamente que o sentido que recebe, de fato (perfectius cognoscit quam sensus), a forma da coisa conhecida sem matéria, mas com as condições materiais (qui accipit formam rei cognitae sine materia quidem, sed cum materialibus conditionibus).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 84, 2, r “Isto é abstrair o universal do particular (abstrahere universale a particulari), ou a espécie inteligível das fantasias (speciem intelligibilem a phantasmatis), quer dizer, considerar a natureza da espécie sem consideração dos princípios individuais que são representados pelas fantasias (considerare

humano.<sup>49</sup> Exatamente por não reconhecerem a distinção entre o modo de ser da coisa, e o modo de o intelecto humano inteli-la, primeiros filósofos (com exceção de Anaxágoras) e Platão erraram.<sup>50</sup> A posição dos primeiros filósofos: “ *julgavam também que a forma do conhecido está no cognoscente do modo como está na coisa conhecida.*”<sup>51</sup> Platão, por sua vez, sustentava que “*todo conhecimento se dá a modo de alguma semelhança, [e] acreditou que a forma do conhecido está por necessidade no cognoscente do modo como está no conhecido.*”<sup>52</sup>

Como bem nota Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, há aí dois princípios em operação.<sup>53</sup> Primeiro, o da semelhança, tirado de Aristóteles, no livro *Sobre a alma*: “*o semelhante se conhece pelo semelhante*”; o segundo, o princípio da recepção, segundo o qual “*o recebido está no recipiente ao modo do recipiente*”.<sup>54</sup> Gardeil demarca o sentido dessa recepção. Ele fala de dois tipos de recepção, a recepção subjetiva ou entitativa, e a recepção objetiva ou intencional. A primeira se refere à união de forma e matéria<sup>55</sup>. A recepção objetiva ou intencional, por sua vez, caracteriza-se pelo próprio processo cognitivo, caracterizado pela alteridade entre as coisas naturais e o intelecto humano.<sup>56</sup>

---

*scilicet naturam speciei absque consideratione individualium principiorum, quae per phantasmata repraesentantur).*” TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 85, 1, ad.1.

<sup>49</sup> “(...) Santo Tomás introduziu a ideia de espécie. Qualquer que seja a ordem de conhecimento que se considera, há um sujeito, um objeto e um intermediário entre objeto e sujeito. Isto, que é a verdade das formas mais imediatas da sensação, como toque e sabor, que se torna mais evidente à medida que subimos na escala do conhecimento.” GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno, P.321.

<sup>50</sup> Sobre a inteligibilidade da espécie, Tomás afirma nas Questões Disputadas sobre a alma: “(...) a coisa imaterial faz-se inteligível porque é separada da matéria e das condições materiais. (*res materialis intelligibilis efficitur per hoc quod a materia et materialibus conditionibus separatur*)” TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, XLVII, 2 (397).

<sup>51</sup> NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. “As questões da primeira parte da Suma de Teologia de Tomás de Aquino sobre o conhecimento intelectual humano”. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. [Primeira parte, Questões 84-89]. Ed. Bilingüe. Trad. C. A. R. do Nascimento, P.25.

<sup>52</sup> Idem, ibidem,, P.25.

<sup>53</sup> Idem, ibidem, P.21.

<sup>54</sup> “pois o recebido está no recipiente ao modo do recipiente (*nam receptum est in recipiente per modum recipientis*).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 84, 1, r.

<sup>55</sup> “O ser natural é essencialmente constituído por uma forma substancial que u’a matéria recebe, a título de sujeito, como que lhe pertencendo ‘*ut suam*’. Nesta unificação, cada um dos termos, matéria e forma, permanece aquilo que é e com o outro compõe-se para constituir um terceiro termo, a matéria informada, que é o ‘*ens naturae*.’”GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino**. Psicologia, P.85.

<sup>56</sup> “A forma conhecida não é recebida pelo sujeito cognoscente como sua, ‘*ut suam*’, mas como pertencendo a um outro, ‘*ut forma rei alterius*’; assim é antes o sujeito que se torna o

Quanto a característica da universalidade, essa é o aspecto mais comum de ser.<sup>57</sup> Ao mesmo tempo em que esse conhecimento é universal, ele também é confuso.<sup>58</sup> Não se trata do ser entendido formalmente, mas a noção comum.<sup>59</sup>

Atentemo-nos para a característica da imaterialidade. A princípio, a forma é demarcada pela matéria. Todavia, o intelecto humano recebe essa quiddidade de maneira imaterial, pois o próprio intelecto humano é imaterial.<sup>60</sup>

---

*objeto, a ele identificando-se sem que haja constituição de um terceiro termo.*" GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino.** Psicologia, P.85.

*"salvaguardar a semelhança entre o conhecimento intelectual e a coisa conhecida sem postular nem a materialidade do conhecimento intelectual nem substituir as coisas materiais por inteligíveis reificados."* NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. "As questões da primeira parte da Suma de Teologia de Tomás de Aquino sobre o conhecimento intelectual humano". In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia.* [Primeira parte, Questões 84-89]. Ed. Bilingüe. Trad. C. A. R. do Nascimento, P.25. Tomás de Aquino também trata sobre esse tema da recepção nas *Questões Disputadas sobre a Alma: (...) a condição do recipiente (conditio recipientis) não pode transferir de um gênero para outro a espécie recebida (non potest transferre speciem receptam de uno genere in aliud); pode, no entanto, mantendo-se o mesmo gênero (eodem genere manente), variar a espécie recebida segundo algum modo de ser (variare speciem receptam secundum aliquem modum essendi).*" TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 4, r.

<sup>57</sup> Tomás de Aquino também trata sobre esse aspecto de universalidade nas *Questões Disputadas sobre a Alma: "(...) o conhecido mediante tal espécie é algo uno (intelligitur per huiusmodi species est unum), se considerarmos o obtido com respeito à coisa inteligida (si consideremus habito respectu ad rem intellectam); pois o universal conhecido por este ou aquele homem é o mesmo em todos (quia universale quod intelligitur ab utroque, est idem in omnibus). E deve-se à imaterialidade das espécies (immaterialitate specierum) o fato de que, mediante muitas delas, multiplicadas em diversos sujeitos (species multiplicatas in diversis), pode-se conhecer aquilo que é uno em todos (quod est unum in omnibus possit intelligi); elas representam a coisa sem as condições materiais individuantes (quae repraesentant rem absque materialibus conditionibus individuantibus), pelas quais uma mesma natureza segundo a espécie multiplica-se numericamente em vários sujeitos (ex quibus una natura secundum speciem multiplicatur numero in diversis).*" TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 3, ad. 7. Entre imaterialidade e universalidade, Tomás opta pela imaterialidade: "(...) deve-se dizer que o intelecto dá universalidade às formas inteligidas (intellectus dat formis intellectis universalitatem) conforme as abstrai dos princípios materiais individuantes (in quantum abstrahit eas a principiis materialibus individuantibus); logo não é necessário que o intelecto seja um universal (non oportet quod intellectus sit universalis), mas que seja algo imaterial (sed quod sit immaterialis)." TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 2, ad. 5. "(...) o que é captado, em primeiríssimo lugar nas coisas pela inteligência, é a essência sob seu aspecto mais comum de ser, ou a idéia de alguma coisa que existe." GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino.** Psicologia, P.127.

<sup>58</sup> "S. Tomás precisa, por outro lado, que este conhecimento mais geral é também mais confuso." Idem, *ibidem*, P.127.

<sup>59</sup> "Subentende-se que o ser, do qual se trata aqui, não é precisamente o ser enquanto ser, apreendido formalmente pelo metafísico, mas a noção mais comum e mais determinada de ser. O primeiro olhar do espírito humano atinge as coisas confusamente como seres." Idem, *ibidem*, P.127.

<sup>60</sup> "Ora, é um princípio geral em hilemorfismo que a forma é encerrada ou determinada pela matéria: 'coarctatio formae est per materiam'. Segue-se que, para um sujeito estar em condições de receber uma forma sem a encerrar em seus limites ou sem a determinar, é necessário que seja imaterial. Donde se conclui que a imaterialidade é para uma coisa aquilo que a situa no nível do conhecimento." GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino.** Psicologia, P.86

Imaterialmente<sup>61</sup>, pois a quiddidade deve ser imaterial<sup>62</sup>, conforme vimos, pois essa é a maneira de ser do intelecto humano. Imutável, pois uma vez que a quiddidade é extraída a partir das coisas naturais, já não podem sofrer mudanças, alterações assim como as coisas naturais na realidade. É preciso marcar o sentido que deve ser tomado o termo imaterialidade. Gardeil frisa que imaterialidade se aproxima da não-potência, do ato, distante de uma imperfeição no ser.<sup>63</sup> Em outras palavras, a imaterialidade está próxima de uma perfeição de ser ainda que não seja absoluta.<sup>64</sup>

Dito isso, resulta que não há espaço para o erro na primeira operação intelectual.<sup>65</sup> Em outras palavras, ainda que na primeira operação nos deparemos com uma apreensão confusa, há aí uma característica de infabilidade, que é precisamente a característica de imutabilidade, tratada por Tomás, pela qual aquilo que se capta corresponde ao que se recebe.<sup>66</sup> Torna-se agora clara a maneira como o intelecto pode se tornar todas as coisas, ou seja, na medida em que a coisa se torna intelectual “*pois o recebido está no recipiente ao modo do recipiente (nam receptum est in recipiente per modum recipientis).*”<sup>67</sup>

Mas o intelecto humano não tem um conhecimento perfeito, completo da coisa na primeira apreensão: “*o intelecto humano não adquire imediatamente*

---

<sup>61</sup> “A primeira condição para a possibilidade deste conhecimento é que as coisas também têm um certo grau de imaterialidade. Se se considerar um universo puramente material e desprovido de qualquer elemento inteligível, é, por definição, impenetrável para o espírito. E, uma vez que não é, é a de que, para além de um intelecto que pode, em um certo sentido, tornando-se uma coisa, deve haver a mesma coisa em um certo aspecto sob o qual é provável que venha a tornar-se, em certa medida, o espírito.” GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno, P.319

<sup>62</sup> Nas *Questões Disputadas sobre a Alma*: “(...) na medida em que sua operação transcende às coisas materiais (*operationem materialia trancendentem*), seu ser se encontra acima do corpo (*suum est supra corpus elevatum*) e é independente dele; mas, na medida em que por natureza tem de adquirir um conhecimento imaterial a partir do material (*vero immaterialem cognitionem ex materiali*), é evidente que não pode estar completa sua natureza específica sem sua união ao corpo (*complementum suae speciei esse non potest absque corporis unione*).” TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 1, r.

<sup>63</sup> “Imaterialidade é aqui co-extensiva a não-potencialidade: assim, por esta expressão afasta-se tudo o que é imperfeição no ser.” GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino**. Psicologia, P.86

<sup>64</sup> “(...) o termo imaterialidade não tem aqui uma significação puramente negativa, designa também uma perfeição de ser. Idem, ibidem, P.86

<sup>65</sup> “No peripatismo não se erra em proclamar que face a seu objeto próprio, ou em seu ato simples, uma potência de conhecer não se pode enganar. Assim, em sua primeira apreensão da essência das coisas, o intelecto humano não pode errar.” Idem, ibidem, P.128.

<sup>66</sup> “A primeira operação do espírito, a ‘*indivisibilium intelligentia*’, é com efeito infalível: o que captamos imediatamente é tal como captamos, mas só se trata aqui de uma apreensão confusa.” Idem, ibidem, P.128.

<sup>67</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 84, 1, r.

na primeira apreensão um conhecimento perfeito da coisa (*intellectus humanus non statim in prima apprehensione capit perfectam rei cognitionem*)”<sup>68</sup> Esse conhecimento envolve raciocínio. Vale notar que o fato de o intelecto humano tem conhecimento por meio de raciocínio por conta de sua própria imperfeição e ao contrário do que acontece com o intelecto divino e angélico<sup>69</sup>. Noutros textos, não examinados aqui, Tomás insistirá que nosso intelecto procede por etapas também por conta da natureza do próprio objeto de conhecimento.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 85, 5, r.

<sup>69</sup> O tema aparece em vários outros textos: “*No primeiro dos inteligentes (ou seja, Deus) [in primo intelligente, scilicet Deo], a natureza intelectual é tão poderosa [natura intellectualis est adeo potens] que, por uma só forma inteligível – a saber, por sua essência – entende tudo [per unam formam intelligibilem, scilicet essentiam suam omnia intelligit].*” TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma** q. 15, r “(...) se Deus tivesse inteligência como o intelecto que compõe e divide (*Si igitur Deus intelligeret per modum intellectum componentis et dividens*), seguir-se-ia que não considera todas as coisas numa só intuição (*uno intuitu*), mas cada uma de per si (*sed seorsum unumquodque*).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, LVIII, 2 (487). *Entre os próprios intelectos (et inter ipsos intellectus), qualquer deles que seja é tanto mais perfeito quanto mais imaterial (tanto quilibet est perfectior, quanto immaterialior).*” TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 84, 2, r.

<sup>70</sup> Isso pode ver visto com mais vagar nas Questões disputadas sobre a verdade, artigo 9: “*A necessidade de proceder paulatinamente – ainda, em rigor, não processualmente – no conhecimento das verdades, consequência tanto das limitações de nosso entendimento, quanto da natureza do seu objeto próprio.*” Segura, Carmen, **La dimensión reflexiva de la verdad. Una interpretación de Tomás de Aquino**, P. 193

Essa discussão da imperfeição da natureza intelectual e do raciocínio pode ser encontrada na **Suma contra os gentios**: “(...) o conhecimento por meio de raciocínio provém da imperfeição da natureza intelectual (*sed ex imperfectione intellectualis naturae provenit ratiocinativa cognitio*), porque aquilo que é conhecido por meio de outra coisa é menos conhecido do que aquilo que é conhecido por si mesmo (*nam quod per aliud cognoscitur minus est notum eo quod per se cognoscitur; nec ad id quod per aliud est notum natura cognoscentis sufficit sine eo per quod fit notum*).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, LVIII, 8 (481).

## Capítulo 2 - A constituição da segunda operação de composição e divisão

A segunda operação intelectual é desdobramento da primeira operação de simples apreensão ou inteligência dos indivisíveis. Se, por um lado, o intelecto nada produz de próprio na primeira operação de simples apreensão, por outro lado, na segunda operação de composição<sup>71</sup> e divisão, o intelecto humano é capaz de produzir algo específico de sua operação, algo próprio: o conhecimento de sua adequação entre a coisa e intelecto. É quando o intelecto humano volta-se a para si mesmo, em um processo de reflexão, concebendo assim um julgamento sobre a realidade. Tomás trata desse tema em várias partes de sua obra.

No *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio*<sup>72</sup>, Tomás de Aquino comenta escritos teológicos de Boécio. Aí ele explica que a segunda operação do intelecto humano, a composição e divisão, possui raízes aristotélicas, mais especificamente no livro *Sobre a Alma* 3. E compor e dividir para o intelecto humano consiste em produzir o julgamento que uma coisa é ou não é na realidade. A finalidade dessa operação cognitiva é o ser as coisas naturais.

Na *Suma contra os Gentios*<sup>73</sup>, Tomás de Aquino desenvolve a perspectiva de que o intelecto divino não possui composição e divisão como o intelecto humano. Nem por isso deixa de complementar as principais características da segunda operação de composição e divisão, como a própria necessidade de o intelecto humano compor e dividir, que se fundamenta, em um primeiro momento, na distinção entre o intelecto humano e a coisa natural. Segundo Tomás, se a espécie extraída a partir da coisa natural fosse intrínseca ao intelecto humano, não haveria a necessidade de composição e divisão. Deste modo, ele também explora que a composição é produzida na segunda operação e não nas coisas naturais. Neste aspecto, justifica-se, mais uma vez, e por outro prisma, o fracionamento do intelecto humano, que na primeira operação apreende as espécies a partir da coisa natural, para que na segunda

---

<sup>71</sup> No *Peri Hermeneias*, Tomás define a composição: "(...) quando um inteligido compara um concebido com outro, como que apreendendo a conjunção ou identidade das coisas das quais são as concepções." a divisão: "(...) quando compara um concebido com outro de tal modo a apreender que as coisas são divididas." TOMÁS DE AQUINO. *Peri Hermeneias* I, 1.3 apud **Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio – Questões 5 e 6**. Trad. bras. de Carlos Arthur R. do Nascimento.

<sup>72</sup> Texto escrito por Tomás no primeiro ensino em Paris entre 1252-1259.

<sup>73</sup> Texto escrito por Tomás no primeiro ensino em Paris entre 1258-1264, tendo sua conclusão em Nápoles entre 1259-1261 e Orvieto entre 1258-1264.

operação, o intelecto humano realize a composição e divisão. É aí nesse texto que Tomás de Aquino trata mais especificamente de como acontece o engano na segunda operação de composição e divisão, por acidente.

No *Peri Hermeneias*<sup>74</sup>, no qual Tomás recebe e comenta as mais diversas concepções aristotélicas e define os conceitos de composição e divisão. Neste aspecto, Tomás de Aquino já deixa claro que o intelecto humano somente pode conhecer a verdade por meio da composição e divisão, pelas quais o intelecto humano julga que uma coisa é ou que uma coisa não é na realidade. Ele observa que não importa o modo como diga o verdadeiro, quando esse verdadeiro está relacionado ao intelecto humano. Assim, o verdadeiro e o falso estão circunscritos à segunda operação de composição e divisão, o que não ocorre na primeira operação de simples apreensão. Isso é atestado por Aristóteles em seu livro *Sobre a Alma* 3. Notamos aí que a verdade está, sobretudo, no intelecto humano, mais particularmente na segunda operação de composição e divisão. Mesmo assim, Tomás de Aquino não deixa de reconhecer que a coisa natural possui seu justo lugar no processo cognitivo e o faz embasado no livro da *Metafísica* 6 do Estagirita. O que mais especificamente o intelecto humano realiza nessa operação é o conhecimento da conformidade entre a coisa natural e o próprio intelecto humano. Tomás assevera que conhecer essa conformidade equivale a julgar assim ser ou não ser na coisa natural, o que é exatamente compor e dividir sujeitos e predicados. Tomás de Aquino ainda destaca o lugar dos sentidos no processo cognitivo, afirmando que embora o sentido seja verdadeiro, não possui a faculdade de conhecer o verdadeiro. Embora Tomás trate de uma terceira operação, a do raciocínio, para a qual a segunda operação de composição e divisão está ordenada, assim como a primeira operação da inteligência dos indivisíveis está ordenada para a segunda operação de composição e divisão, não vamos nos deter nesta terceira operação. Por fim, há a menção de o intelecto humano ser medida, quando concebe as coisas artificiais, as idéias, mais especificamente de o intelecto humano ser o mensurador das coisas artificiais, via intelecto prático. Isto não implica que o intelecto humano tenha que recorrer novamente à coisa.

---

<sup>74</sup> Texto escrito por Tomás no segundo ensino em Paris entre 1268-1272.

Os detalhes desse processo aparecem especialmente nas *Questões Disputadas sobre a Verdade e Suma de Teologia*<sup>75</sup>.

Discutindo a segunda operação nas *Questões Disputadas sobre a Verdade*, o Tomás de Aquino discorre temas, como a idéia de a verdade está localizada no intelecto humano<sup>76</sup>, mais especificamente<sup>77</sup> na operação de composição e divisão, e de os sentidos somente conhecerem<sup>78</sup> por meio do corpo, enquanto prescinde<sup>79</sup> desse órgão. Além disso, Tomás de Aquino afirma que na segunda operação de composição<sup>80</sup> e divisão, o intelecto humano reflete sobre seu próprio ato como também pode conhecer a proporção entre seu ato e a realidade<sup>81</sup>. Ao voltar-se para si mesmo, o intelecto humano nada mais faz do que conhecer a conformidade entre ele próprio e a coisas, via espécie apreendida na primeira operação.

Em outras palavras, a primeira operação não produz algo que seja

---

<sup>75</sup> Texto escrito por Tomás em Roma entre 1265-1268, retomado no segundo ensino em Paris entre 1268-1272, e no segundo ensino em Nápoles entre 1272-1274, ficando inacabado.

<sup>76</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 3, r.

<sup>77</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 3, r.

<sup>78</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 9, r.

<sup>79</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 9, r.

<sup>80</sup> Tomás de Aquino na *Suma de Teologia* trata de uma dupla composição: do intelecto e da coisa. Tratamos aqui neste capítulo a composição do intelecto: "(...) encontra-se uma dupla composição na coisa material (*duplex compositio in re materiali*). De fato, a primeira é da forma para com a matéria (*formae ad materiam*). A esta corresponde a composição do intelecto pela qual o todo universal é predicado de sua parte (*et huic respondet compositio intellectus qua totum universale de sua parte praedicatur*), pois o gênero é tomado da matéria comum (*nam genus sumitur a materia communi*), a diferença completiva da espécie, da forma e o particular da matéria individual (*differentia vero completiva speciei a forma, particulare vero a materia individuali*).” TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 85, 5, ad. 3. "(...), a segunda composição é a do acidente para com o sujeito (*secunda vero compositio est accidentis ad subiectum*). A esta composição real corresponde a composição do intelecto de acordo com o qual o acidente é predicado do sujeito (*et huic reali compositioni respondet compositio intellectus secundum quam praedicatur accidens de subiecto*) (...)" TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 85, 5, ad. 3. "No entanto, a composição do intelecto difere da composição da coisa (*tamen differt compositio intellectus a compositione rei*), pois os que são compostos na coisa são diversos (*nam ea quae componuntur in re, sunt diversa*), ao passo que a composição do intelecto é sinal da identidade dos que são compostos (*compositio autem intellectus est signum identitatis eorum quae componuntur*).” TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 85, 5, ad. 3 Essa distinção já estava clara para Tomás na *Suma contra os gentios*: "(...) a composição formada pelo intelecto que compõe e divide existe no próprio intelecto (*propositionis per intellectum componentem et dividentem formatae compositio in ipso intellectu existit*), mas não na coisa que está fora da alma (*non in re quae est extra animam*).” TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*, I, LVIII, 5 (490). "Há, assim, duas abstrações do intelecto: uma corresponde à união da forma e da matéria ou do acidente e do sujeito; é a abstração da forma da matéria sensível; outra, que corresponde a abstração do universal do particular que é a abstração do todo – na qual se considera de maneira absoluta alguma natureza de acordo com sua noção – de todas as partes que não são partes da espécie, mas são partes accidentais." TOMÁS DE AQUINO. *Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio* q. 5, 3, r.

<sup>81</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 9, r.

próprio. Wippel atesta que o intelecto humano, ao apreender a coisa, nada mais faz do que apresentar uma semelhança de coisas extramentais a si mesmo.<sup>82</sup> É na segunda operação de composição e divisão que o intelecto concebe algo que seja próprio: o julgamento, conforme também atestam Boehner e Gilson: “*para que a concordância com o objeto se faça conhecida, ou seja, para que ela se torne uma verdade para o espírito humano, é mister que o intelecto acrescente algo de si à realidade externa por ele adquirida e assimilada.*”<sup>83</sup> Nesta linha, o acréscimo “(...) *se efetua quando o intelecto emite um juízo, como acontece nos enunciados: isto é um homem, isto é uma árvore.*” Dessa forma, “(...) *o intelecto contribui algo de realmente novo, algo que existe exclusivamente nele.*”<sup>84</sup>

Nas *Questões Disputadas sobre a Verdade*, Tomás de Aquino afirma que o verdadeiro não se encontra prioritariamente na formação da quiddidade ou espécie, mas na operação de composição e divisão, uma visão compatível com o sentido de verdade como adequação.

Ele alcança essa conclusão em dois passos. No primeiro, na questão 2, mostra que o verdadeiro encontra-se prioritariamente no intelecto e não nas coisas. Ele explica essa prioridade do intelecto através de uma analogia com o animal e o sadio.

*“Quando predicados dizem-se primeiramente de uma coisa e posteriormente de outras (per prius et per posterius), não é necessário que aquela coisa que for causa das outras receba por primeiro a predicação comum (praedicationem communis), mas aquela em que está primeiramente o noção comum completa (ratio illius communis completa), como ‘sadio’ diz-se primeiramente do animal (sanum per prius dicitur de animali), no qual o noção perfeita de saúde (perfecta ratio sanitatis) encontra-se em primeiro lugar, ainda que o remédio diz-se sadio enquanto proporciona saúde; e assim, dado que o verdadeiro diz-se antes de uma coisa e depois de outras (verum dicatur per prius et posterius de pluribus), é necessário que se diga antes de tudo aquilo em que se encontra primeiramente o noção completa de verdade (completa ratio veritatis). (...) Ora, uma coisa só se diz verdadeira enquanto é adequada ao intelecto (vera nis secundum quod est intellectui adaequata), pelo que o verdadeiro encontra-se nas coisas*

---

<sup>82</sup> Wippel John F., *Truth in Thomas Aquinas II*, P.558

<sup>83</sup> BOEHNER, P. et GILSON, E..**História da filosofia cristã**. Desde as origens até Nicolau de Cusa, P.475

<sup>84</sup> Idem, ibidem, P.475

*posteriormente, primariamente pois no intelecto. (unde per posterius invenitur verum in rebus, per prius autem in intellectu)”<sup>85</sup>*

Tomás de Aquino fala que a predicação comum está relacionada àquilo que é causa de outras coisas. Essa predicação comum é exemplificada pelo sadio, que se diz primeiro do animal e depois do remédio, na medida em que no animal é que se encontra a noção perfeita de saúde, enquanto no remédio, o sadio pode ser dito enquanto proporcionar saúde. Essa analogia pode se entendida na relação entre o intelecto e a coisa, ou seja, a verdade está primeiramente no intelecto e posteriormente na coisa.

Tomás de Aquino avança em sua explicação no artigo 3 das *Questões Disputadas sobre a Verdade*, sustentando agora que o verdadeiro encontrado no intelecto se encontra prioritariamente no juízo e não na formação da quiddidade.

*“Assim como o verdadeiro encontra-se antes no intelecto do que nas coisas, também encontra-se antes no ato do intelecto componente e dividente (actu intellectu componentis et dividensis) do que no ato do intelecto que forma a quiddidade das coisas (actu intellectus quidditatem rerum formantis).”<sup>86</sup>*

O próximo argumento de Tomás de Aquino segue na comparação entre a primeira e segunda operação:

*“A noção de verdadeiro (veri enim ratio) consiste na adequação da coisa e do intelecto (consistit in adaequatione rei et intellectus), mas nada tem adequação a si mesmo (non adaequatur sibi ipsi), pois a igualdade é própria das coisas distintas (aequalitas diversorum est); daí que a noção de verdade no intelecto (ratio veritatis in intellectu) encontra-se tão logo o intelecto comece a ter algo próprio (aliquid proprium) que a coisa fora da alma não tem (res extra animam non habet), mas que lhe corresponda (ei correspondens), de modo que entre as duas coisas possa aplicar-se a adequação (inter quae adaequatio attendi potest).”<sup>87</sup>*

O segundo argumento versa sobre a noção de verdadeiro, especificamente da adequação entre coisa e intelecto, que nada tem de adequação a si, dado que a igualdade somente tem sentido na alteridade entre

---

<sup>85</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 2, r.

<sup>86</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 3, r.

<sup>87</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 3, r.

intelecto e as coisas. A noção de verdade começa no intelecto tão logo quanto tenha algo próprio que a coisa não traz em si. É aí que a segunda operação se distingue<sup>88</sup> da primeira. Entramos no terceiro argumento de Tomás de Aquino, sobre a concepção do juízo:

*“(...) quando começa a julgar a coisa apreendida (quando incipit iudicare de re apprehensa), então este juízo do intelecto é algo próprio dele (ipsum iudicium intellectus est quodam proprium ei) que não se encontra fora na coisa (non invenitur extra in re); mas, quando se estabelece adequação ao que está fora na coisa (adaequatur ei quod est extra in re), o juízo diz-se verdadeiro (iudicium verum); então o intelecto julga a coisa apreendida (iudicat intellectus de re apprehensa) quando diz que alguma coisa é ou não é (aliquid esse vel non esse), o que é próprio do intelecto componente e dividente (est intellectus componentis et dividensis); daí o Filósofo (Metafísica 6,4), também diz: ‘a composição e a divisão estão no intelecto e não nas coisas. (compositio et divisio est in intellectu, et non in rebus).’ E daí que a verdade se encontra primeiramente na composição e divisão do intelecto (veritas per prius invenitur in compositione et divisione intellectus).”<sup>89</sup>*

---

<sup>88</sup> No Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio, Tomás já tratava: “(...) em qualquer conhecimento há uma dupla a ser considerada, a saber, o princípio e o termo. Com efeito, o princípio pertence à apreensão; o termo, porém, ao juízo; de fato, o conhecimento aí se perfaz.” TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio**, q. 6, 2, r ; “(...) o termo do conhecimento não se apresenta uniformemente: com efeito, às vezes está no sentido, às vezes na imaginação, às vezes, no entanto, apenas no intelecto.” TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio**, q. 6, 2, r; “(...) o intelecto que compõe e julga coisas diversas composições (intellectus componens et dividens diversis compositionibus diversa diiudicat), pois a composição do intelecto não excede os termos da composição (compositio enim intellectus compositionis terminos non excedit).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, LVIII, 6 (491), “(...) as coisas que são compostas e divisíveis pelo intelecto, por natureza são por ele consideradas de per se (ea que intellectu componuntur et dividuntur nata sunt seorsum ab eo considerari), pois não haveria necessidade de serem por ele compostas ou divididas (compositione enim et divisione opus non esset), se naquilo mesmo em que é apreendido o que é da coisa já estivesse o que lhe é intrínseco (si in hoc ipso quod de aliquo apprehenderetur quid est, haberetur quid ei inesset vel non inesset).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, LVIII, 2 (487). Tomás de Aquino trata sobre a necessidade da segunda operação, a composição e divisão na Suma de Teologia: “(...) o intelecto humano tem necessariamente de entender compondo e dividendo (intellectus humanus necesse habet intelligere componendo et dividendo).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia**, q. 84, 5, r. “(...) (o intelecto) tem necessidade de compor um apreendido com outro ou dividi-los e passar de uma composição ou divisão a outra, o que é raciocinar (et ideo intellectus humanus cognoscit componendo et dividendo, sicut et ratiocinando).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia**, q. 84, 5, r. Gardeil também aborda o tema: “A necessidade de compor, de dividir e de raciocinar impõe à inteligência humana, porque esta não atinge, em um primeiro golpe, o perfeito conhecimento da coisa, mas capta só um de seus aspectos: sua quididade – e sabemos que isso mesmo é completamente relativo.” GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino**. Psicologia, P.128.

<sup>89</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 3, r.

Tomás afirma que o elemento próprio do intelecto é o juízo, que nada mais é do que emitir um parecer, uma posição: se uma coisa é ou não é na realidade. E o intelecto articula essa segunda operação compondo e dividindo sujeitos e predicados, concepção que Tomás de Aquino herda de Aristóteles, na *Metafísica*. As coisas não têm aí nenhuma influência. É assim que a verdade está primeiramente e prioritariamente no intelecto, na operação de composição e divisão. Tanto afirmando quanto negando, ambos juízos<sup>90</sup> são verdadeiros:

*“(...) uma definição diz-se verdadeira ou falsa (unde definitio dicitur vera vel falsa), como quando se atribui uma definição a alguma coisa que esta não é (esse definitio eius cuius non est), como se se atribuísse a definição de círculo ao triângulo (definitio circuli assignetur triangulo), ou também quando as partes da definição não se possam juntar (quando partes definitionis non possunt componi ad invicem), como se se definisse algo como ‘animal insensível’ (animal insensibile): realmente a composição implicada (compositio quae implicatur), a saber, que algum animal seja insensível é falsa (animal est insensibile, est falsa). E assim uma definição diz-se verdadeira ou falsa (definitio non dicitur vera vel falsa) só em relação à composição (nisi per ordinem ad intellectum), como também uma coisa diz-se verdadeira em relação ao intelecto (et res dicitur vera per ordinem ad intellectum).”<sup>91</sup>*

O intelecto, pode assim conhecer imediatamente a coisa e o faz por meio de sua reflexão. O julgamento ocorre no mesmo passo em que o intelecto reflete a partir da simples apreensão sobre a coisa. O intelecto conhece assim imediatamente a coisa e o faz por meio da reflexão.

*“(...) o que conhece imediatamente é a coisa, e não pode chegar a fazê-lo senão pela reflexão, posto que já visto que o entendimento pode atribuir um predicado a um sujeito por reflexão, e que, portanto, a composição e a divisão, afirmação e a negação são igualmente possíveis pela volta do entendimento sobre a espécie inteligível.”<sup>92</sup>*

---

<sup>90</sup> Tomás de Aquino já dizia no *Peri Hermeneias*: “se este julgamento está em acordo com os objetos, ele é verdadeiro: é o caso em que a inteligência julga que o objeto é quando ele é, ou não é quando ele não é; é falso, ao contrário, quando está em discordância com o objeto: é o caso em que se julga não ser o que é, ou ser o que não é” TOMÁS DE AQUINO. **Peri Hermeneias** I, 1.3 apud GARDEIL, H. D. **Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino**. Introdução/ Lógica. Trad. Wanda Figueiredo.

<sup>91</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 3, r.

<sup>92</sup> “(...) o que conhece imediatamente é a coisa, e não pode chegar a fazê-lo senão pela reflexão, posto que já visto que o entendimento pode atribuir um predicado a um sujeito por

A afirmação e a negação não representam<sup>93</sup> um novo momento no processo de cognição da verdade, posterior à reflexão. É na reflexão que o intelecto humano julga, pois está conectado de certa forma com as coisas, por meio da espécie que apreende na primeira operação de simples apreensão:

*“A adequação do intelecto e o real, que define a verdade se afirma legitimamente em uma doutrina, que, refletindo sobre si mesmo, o intelecto é capaz de tornar-se a realidade: secundum hoc cognoscit veritatem intellectus, quod supra se reflectitur: assim como o intelecto, que julga as coisas, ele sabe que, para conceber, é necessário dispor de uma ligação com elas, nenhum escrúpulo poderá impedir afirmar como válidos os juízos que tornam explícito o conteúdo de seus conceitos. O primeiro ato de conhecimento, pela qual esta análise é apenas um aprofundamento progressivo é, por conseguinte, a apreensão direta da realidade inteligível, por uma inteligência servida por uma sensibilidade.”<sup>94</sup>*

A noção de verdade não se aplica da mesma forma às coisas e ao intelecto humano, pois é apenas neste último, mais precisamente na composição e divisão, na união ou separação de conceitos, que a verdade está localizada.<sup>95</sup>

Ao examinar “se há somente uma verdade pela qual todas as coisas são verdadeiras”, a questão 4 especifica em que sentido podemos falar de “verdade” nas coisas e nos intelectos humano e divino. Tomás serve-se nesse ponto de uma comparação com o sentido de “saúde” no animal e no alimento, analogia recorrente nas *Questões Disputadas sobre a Verdade* e na *Suma de*

---

*reflexão, e que, portanto, a composição e a divisão, afirmação e a negação são igualmente possíveis pela volta do entendimento sobre a espécie inteligível.” Segura, Carmen, **La dimensión reflexiva de la verdad. Una interpretación de Tomás de Aquino**, P. 196*

<sup>93</sup> *“Reflexão que nos leva também à conclusão da afirmação e da negação não são operações posteriores à síntese judicativa, mas que se dão nela, portanto, ao voltar sobre si mesma, a inteligência conhece-se como adequada ou como inadequada ao real, expressando mediante a composição ou a divisão indicação de ser ou não-ser.” Idem, ibidem, P. 196.*

<sup>94</sup> GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno, P.334

<sup>95</sup> *“Tomada em si, a noção de verdade aplica-se diretamente, não as coisas, mas ao conhecimento que ela têm do pensamento. Já dissemos que somente há verdade ou o erro possíveis nos casos em que há julgamento. No entanto, o julgamento é uma operação da razão que associa ou desassocia os conceitos. Por conseguinte, no pensamento é onde reside a verdade propriamente dita.” GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno, P.329. Tomás trata sobre o erro que ocorre na composição e divisão: “(...) o intelecto não se engana quanto a isso (o objeto próprio do intelecto, aquilo que é), a não ser acidentalmente (unde circa hoc non decipitur intellectus nisi per accidens). Mas se engana na composição e divisão (circa compositionem autem et divisionem decipitur).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, LVIII, 4 (489).*

*Teologia*. Sendo “saúde” uma “forma inerente” ao animal, apenas deste se diz propriamente “saudável”, enquanto o alimento (ou o remédio) é “saudável” somente no sentido de produzir ou conservar a saúde do animal.<sup>96</sup> Da mesma forma, a verdade se diz propriamente do intelecto e impropriamente das coisas, na medida em que são causa ou efeito da verdade presente no intelecto. Assim, a verdade se encontra primeira e propriamente (*primo et proprie*) no intelecto divino, “segundo a qual todas as coisas são verdadeiras por uma única verdade”, e pelo qual todas existem.<sup>97</sup> Em relação ao intelecto humano, a verdade se diz em sentido próprio mas secundariamente, pois “a verdade que se diz das coisas em comparação com o intelecto humano é de certo modo *accidental às próprias coisas*”, e as coisas continuariam existindo mesmo se, por hipótese, não existisse intelecto humano algum.

O artigo 6 ‘Se a verdade criada é imutável’ reforça ainda mais essa concepção de que a verdade está plenamente apenas no intelecto. A identidade da verdade depende mais da identidade do intelecto que da identidade da coisa. A identidade do intelecto que é imaterialidade, a identidade da coisa que é materialidade<sup>98</sup>, forma e ser:

*“A identidade da verdade (identitas veritatis) não depende tanto da identidade da coisa (identitate rei), mas da identidade do intelecto (identitate intellectus); como também a identidade do efeito (identitas effectus) depende da identidade do agente e do paciente (identitate agentis et patientis). Ora, mesmo que seja a mesma que é significada por aquelas três proposições (Sócrates senta, sentará e sentou), não é todavia idêntico o ato pelo qual são entendidas (non tamen est idem intellectus*

---

<sup>96</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 4, r.

<sup>97</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 4, r.

<sup>98</sup> A formulação matéria, forma e ser para substâncias compostas de matéria e forma retiramos das *Questões Disputadas sobre a Alma*: “(...) nas substâncias compostas de matéria e forma (*substantiis enim ex materia et forma compositis*) encontramos três coisas a saber: a matéria, a forma e o ser. (*materiam et formam et ipsum esse*). O princípio do ser é a forma (*principium est forma*); já a matéria participa do ser por receber a forma (*matéria ex hoc quod recipit formam, participat esse*). Assim, o ser é conseqüente à própria forma (*esse consequitur ipsam formam*). Não obstante, a forma não é o próprio ser, visto que é dele princípio (*Nec tamen forma est suum esse, cum sit eius principium*). E, embora a matéria não alcance o ser senão pela forma (*matéria non pertigat ad esse nisi per formam*), a forma, no entanto, enquanto é forma (*forma tamen in quantum est forma*), não carece da matéria (*non indiget materia*) para seu ser (*ad suum esse*), visto que o ser se segue à própria forma (*cum ipsam formam consequatur esse*); apenas necessita de matéria caso a forma seja tal, que por si mesma não subsista (*sed indiget matéria, cum sit talis forma, quae per se non subsistit*). Portanto, nada proíbe que haja uma forma separada da matéria (*formam a materia separatam*), a qual possua, ela mesma, o ser (*quae habeat esse, et esse, et esse sit in huiusmodi forma*).” TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 6, r.

*earum), porque na composição do intelecto ajunta-se o tempo (quia in intellectus compositione adiungitur tempus); daí que, segundo a variação do tempo, há diversos atos do intelecto (unde secundum variationem temporis sunt diversi intellectus)."*<sup>99</sup>

A verdade se encontra, portanto, no intelecto componente e dividente. A complexidade dessa afirmação aparece claramente na solução do artigo 9 'Se a verdade é nos sentidos' das *Questões Disputadas sobre a Verdade*. Tomás mostra nessa passagem a conexão entre o conhecimento da verdade e a reflexão, pela qual o intelecto humano conhece a verdade *na medida em que "reflete (reflectitur) sobre seu próprio ato (actum suum)"*<sup>100</sup>, e apreende "a proporção entre o ato e a realidade (*proportionem eius ad rem*)."<sup>101</sup> Refletir significa o reconhecimento intelectual de sua própria atividade: de compor e dividir sujeitos e predicados. No mesmo ato de reflexão, o intelecto humano toma ciência da razão que existe entre seu próprio ato e a realidade. Tal vínculo ocorre porque a reflexão intelectual pressupõe o autoconhecimento pelo intelecto de sua natureza, ou seja, de conformar-se às coisas. Em outras palavras, como afirma Carmen Segura, "(...) em todo ato de conhecimento de qualquer realidade extrínseca, o intelecto conhece-se ao conhecê-la e, precisamente por tratar-se de uma reflexão, conhece-se como adequada ao conhecido."<sup>102</sup>

Conforme Boehner e Gilson: "não pode haver questão da verdade, salvo quando há concordância com o intelecto: a verdade é a 'adaequatio rei et intellectus', o que implica que "(...) o problema da verdade não se põe senão após a separação do objeto e do intelecto, entre os quais se estabelece, a seguir, uma relação recíproca."<sup>103</sup> Assim, o intelecto pode preservar uma

---

<sup>99</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 6, ad. 6.

<sup>100</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 9, r.

<sup>101</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 1, 9, r.

<sup>102</sup> Segura, Carmen, *La dimensión reflexiva de la verdad. Una interpretación de Tomás de Aquino*, P. 190 e "(...) a verdade conhece-se pelo entendimento, porque não apenas reflete sobre seu próprio ato na medida em que o conhece, mas também na medida em que conhece a coisa proporcionalmente, que não se pode conhecer se não se conhecer a natureza do princípio ativo, pelo qual conhece a verdade o entendimento que sobre si mesmo reflete ." Idem, ibidem, P. 192

<sup>103</sup> BOEHNER, P. et GILSON, E..*História da filosofia cristã*. Desde as origens até Nicolau de Cusa, P.475-476.

relação essencial com a realidade.<sup>104</sup>

O artigo 9, 'Sobre se a verdade é nos sentidos', volta a enfatizar a presença imperfeita da verdade<sup>105</sup> dos sentidos. O juízo dos sentidos (*iudicium sensus*) é o "da coisa enquanto esta é".<sup>106</sup> Os sentidos<sup>107</sup> julgam verdadeiramente as coisas, entretanto, desconhecem a razão do por que julgam. Ou seja, os sentidos desconhecem a natureza da verdade, conhecimento reservado estritamente ao intelecto. E, os sentidos, desconhecendo a natureza do por que julgam, também desconhecem<sup>108</sup>, por

---

<sup>104</sup> "(...) a reflexão o que permite ao entendimento conhecer a forma inteligível que o atualiza e expressar o que foi entendido; porque, como ensina Tomás, o que é direta e imediatamente entendido é o que o entendimento concebe em si mesmo acerca da coisa conhecida, tanto se trata de uma definição como se trata de um julgamento." Segura, Carmen, **La dimensión reflexiva de la verdad. Una interpretación de Tomás de Aquino**, P. 190

<sup>105</sup> No *Peri Hermeneias* Tomás já expressava: "(...) o sentido ,entretanto, não percebe se sua representação é verdadeira; com efeito ele não pode perceber sua relação de conformidade com o objeto: ele apenas apreende o objeto." TOMÁS DE AQUINO. **Peri Hermeneias** I, 1.3 apud GARDEIL, H. D. **Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino**. Introdução/ Lógica. Trad. Wanda Figueiredo. Em textos como as *Questões Disputadas sobre a Alma*, Tomás de Aquino trata da superioridade do intelecto em relação aos sentidos: "(...) a parte intelectual da alma (*pars intellectiva animae*) é mais perfeita que a parte sensitiva (*est perfectior quam sensitiva*). Donde ser necessário que lhe estejam mais presentes os princípios para realizar sua própria operação (*necessarium est quod magis ei adsit sufficientia principia ad propriam operationem*). Por isso, encontramos em nossa parte intelectual tanto a recepção dos inteligíveis quanto sua abstração (*intellectivam partem invenimur et recipere intelligibilia et abstrahere*), como que existindo em nós, segundo o intelecto, uma virtude ativa e passiva (*intellectum virtute activa et passiva*), o que não sucede no caso dos sentidos (*quod circa sensum non accidit*)." TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 5, ad. 7.

<sup>106</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 9, r.

<sup>107</sup> Nas *Questões Disputadas sobre a Alma*, Tomás de Aquino distingue sentido próprio e sentido comum: No que versa o sentido próprio: "(...) que o sentido receba a espécie das coisas sensíveis (*sensus recipiat speciem a sensibilibus*): o que é o ato do sentido próprio (*pertinet ad sensum proprium*)." TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 13, r. Gilson afirma que os "sentidos próprios são todos os sentidos particulares que possuem, cada qual, um objeto exclusivamente próprio. Cada sensível particular é influenciado de modo imediato pelo objeto sensível; isto se dá pela espécie, que procede do objeto material sob a forma de cor, de som, etc.; esta espécie é recebida pelo respectivo sentido particular, que a percebe como forma imaterial." BOEHNER, P. et GILSON, E. **História da filosofia cristã**. Desde as origens até Nicolau de Cusa, P.471. No que versa o sentido comum: "(...) que discrimine os sensíveis percebidos (*sensibilibus perceptis diiudicet*) e distinga uns dos outros (*invicem discernat*): o que se há de efetuar por uma potência em que desemboquem todos os sensíveis (*potentiam ad quam omnia sensibilia perveniunt*), e que se chama sentido comum (*sensus communis*)." TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**, q. 13, r. Sobre o sentido comum, também denominado como sentido particular, Gilson afirma: "O sentido particular percebe exclusivamente as imagens sensíveis dos seus objetos próprios; dentro desta limitada esfera ele é capaz de discernir, por exemplo, o preto do branco; mas não consegue distinguir entre a cor e o gosto. Para julgar dos objetos referentes a sentidos diversos, requer-se uma força superior aos sentidos particulares: o sentido comum. Sua função é perceber todas as impressões e, além disso, o próprio ato da sensação." BOEHNER, P. et GILSON, E. **História da filosofia cristã**. Desde as origens até Nicolau de Cusa, P.471

<sup>108</sup> Nas *Questões Disputadas sobre a Alma*, Tomás de Aquino trata com mais vagar essa característica dos sentidos: "(...) que haja certas intenções que o sentido não apreende [*requiruntur intentiones aliquae quas sensus non apprehendit*], como o nocivo e o útil, e outras semelhantes [*sicut nocivum et utile et alia huiusmodi*]. (...) no homem a virtude cogitativa [*in*

consequência, a natureza do seu ato, a proporção do ato em relação às coisas, como sua própria verdade, conforme foi dito. Tomás de Aquino, apoiado em Avicena (De Anima 5, 2), preconiza que: “o sentido (*sensus*) só conhece por meio de órgão corpóreo (*organum corporale*) e não é, porém, possível que um órgão corpóreo seja mediador (*medium*) da potência sensitiva (*potentiam sensitivam*) com ela mesma.”<sup>109</sup> O mesmo ponto de vista voltará no artigo 8 ‘Se o juízo do intelecto pela ligadura do sentidos’ da *Suma de Teologia*, Tomás de Aquino afirma que não é possível um juízo fidedigno<sup>110</sup> sem a presença dos sentidos, meio pelo qual podemos conhecer as coisas:

*“(...) tudo o que inteligimos no presente estado (omnia autem quae in praesenti statu intelligimus), é conhecido por nós por comparação com as coisas sensíveis naturais (cognoscuntur a nobis per comparisonem ad res sensibiles naturales). Donde ser impossível que haja em nós um juízo perfeito do intelecto (unde impossibile est quod sit in nobis iudicium intellectus perfectum), com bloqueio do sentido (cum ligamento sensus), pelo qual conhecemos as coisas sensíveis (per quem res sensibiles cognoscimus).”<sup>111</sup>*

Na *Suma de Teologia*, Tomás de Aquino retoma a discussão sobre a verdade em duas passagens relevantes para nossos propósitos, ambas inseridas no contexto mais amplo do conhecimento divino tratado na Primeira Parte. A questão 16 aborda precisamente a verdade, pois, posto que conhecimento é de coisas verdadeiras, após tratarmos do conhecimento de Deus, devemos perguntar sobre a verdade. O conjunto de questões 75 a 102 ficou conhecida como “Tratado sobre o homem”, e o tema da verdade aparece aí no contexto da discussão sobre nossas faculdades espirituais. São especialmente importantes para nosso assunto as questões 84 e 85, sobre como a alma conhece as coisas materiais. Nesses dois contextos, Tomás retoma uma série de temas importantes para o nosso estudo, em particular, a

---

*homine autem vis cogitativa], que reúne as intenções particulares [quae est collativa intentionum particularium], o que lhe vale a denominação de razão particular e de intelecto passivo [unde et ratio particularis dicitur, et intellectus passivus].” TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a alma**.q. 13, r.*

<sup>109</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 9, r.

<sup>110</sup> “(...) o juízo perfeito de alguma coisa não pode se dar (*iudicium autem perfectum de re aliqua dari non potest*), a não ser que seja conhecido tudo o que diz respeito à coisa (*nisi ea omnia quae ad rem pertinent cognoscantur*), principalmente se for ignorado o que é o termo e fim do juízo (*et praecipue si ignoretur id quod est terminus et finis iudicii*).” TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 84, 8, r.

<sup>111</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 84, 8, r.

idéia de que a verdade se encontra no intelecto humano<sup>112</sup>, na segunda operação de composição e divisão<sup>113</sup>. Na primeira operação, a simples apreensão, o intelecto humano está em potência. Na segunda operação, a composição e divisão, o intelecto produz algo próprio, ou seja, o julgamento, por isso está em ato. Tomás de Aquino também volta à tese de que, na composição e divisão, o intelecto conhece<sup>114</sup> a conformidade entre si próprio e a coisa natural, sendo esse o conhecimento da verdade. Além disso, Tomás de Aquino indica que o intelecto humano entende e julga à luz da verdade primeira, ou seja, do intelecto divino, e que o juízo, bem como sua eficácia cognitiva do intelecto humano está diretamente relacionada com a derivação da luz do intelecto humano em relação à verdade divina, que traz em si a noção de todas as coisas criadas.<sup>115</sup> A diferença de enfoque entre esse e os outros textos é que Tomás de Aquino explica a passagem<sup>116</sup> da primeira operação de simples apreensão para a segunda operação de composição e divisão em termos de potência e ato.

De maneira mais elaborada, Tomás de Aquino trata sobre a primazia do intelecto em relação à coisa na *Suma de Teologia*, questão 16, artigo 2 A verdade está no intelecto que compõe e divide ?' Coloca bem e verdade em analogia: o bem (*bonum*) tende (*tendit*) ao apetite (*appetitus*), a verdade (*verum*) tende o intelecto. Entretanto, ele explica que o bem se realiza formalmente na coisa, enquanto a verdade se realiza formalmente no intelecto:

*“(...) o verdadeiro (verum), estando no intelecto à medida que ele se conforma (conformatur) com a coisa conhecida, é necessário que a razão do verdadeiro passe do intelecto à coisa conhecida, de modo que esta última seja dita verdadeira na medida em que tem alguma relação (ordinem)” com o intelecto.”<sup>117</sup>*

Tomás de Aquino traz mais esclarecimentos sobre estar a verdade prioritariamente na segunda operação de composição e divisão. Ele afirma, primeiro, que *“tudo é verdadeiro conforme tenha a forma própria à sua*

---

<sup>112</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 16, 1, r.

<sup>113</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 16, 1, r.

<sup>114</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 16, 1, r.

<sup>115</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 84, 8, r.

<sup>116</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 85, 5, r.

<sup>117</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia* I<sup>a</sup>, 16, 2, r.

natureza”<sup>118</sup>, portanto, “(...) o intelecto em ato de conhecer (*intellectus in quantum est cognoscens*)” será “verdadeiro tanto quanto nele se encontre a semelhança da coisa conhecida (*similitudinem rei cognitae*), semelhança essa identificada à forma da coisa”<sup>119</sup>.

Tomás se apressa em distinguir as diferenças entre essa ‘semelhança’ da coisa no intelecto e nos sentidos, de maneira a deixar claro por que a verdade se encontra prioritariamente naquele e não nestes. A diferença é que o intelecto pode “conhecer sua própria conformidade com a coisa inteligível.”<sup>120</sup>, capacidade ausente nos sentidos. Assim “(...) se define a verdade pela conformidade do intelecto e da coisa [*per conformitatem intellectus et rei veritas definitur*]”. Consequentemente, “conhecer tal conformidade é conhecer a verdade. [*conformitatem istam cognoscere, est cognoscere veritatem*]”<sup>121</sup>

Ora, conhecer essa conformidade nada mais é do que julgar assim ser ou não na coisa, ou seja, o que é exatamente compor e dividir sujeitos e predicados. A operação de composição e divisão consiste no juízo, pelo qual o intelecto humano investiga se o predicado atribuído ao sujeito é aplicável ou não à coisa na realidade. Aertsen explica: “em um juízo é afirmado ou negado que alguma forma significada pelo predicado pertence a uma coisa significada pelo sujeito.”<sup>122</sup> Como também afirma Gardeil, de maneira mais detalhada: “Apreendendo em seguida suas propriedades, seus acidentes e tudo o que se relaciona à essência da coisa, é-lhe necessário associar ou dissociar os objetos assim distinguidos, o que supõe que se julgue e, tratando-se de consequência, que se raciocine.”<sup>123</sup>

---

<sup>118</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 2, r.

<sup>119</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 2, r.

<sup>120</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 2, r.

<sup>121</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 2, r. Tomás já afirmava que conhecer a conformidade é conhecer a verdade no *Peri Hermeneias*: “a inteligência, (...), pode perceber tal relação de conformidade; e é devido a isto que só a inteligência pode conhecer a verdade: assim o Filósofo diz no sexto livro da *Metafísica*, que a verdade só se encontra no espírito, no sentido em que só o espírito conhece a verdade.” Conhecer essa conformidade “(...) não é outra coisa senão julgar que assim é no objeto ou não, e isso significa compor e dividir; e é por isso que a inteligência não conhece a verdade senão compondo e dividindo por seu julgamento”. Assim “se este julgamento está em acordo com os objetos, ele é verdadeiro: é o caso em que a inteligência julga que o objeto é quando ele é, ou não é quando ele não é; é falso, ao contrário, quando está em discordância com o objeto: é o caso em que se julga não ser o que é, ou ser o que não é.” TOMÁS DE AQUINO. **Peri Hermeneias** I, 1.3 apud GARDEIL, H. D. **Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino**. Introdução/ Lógica. Trad. Wanda Figueiredo.

<sup>122</sup> Aertsen, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas's Way of Thought.**, P.149.

<sup>123</sup> GARDEIL, H.D. **Iniciação à filosofia de S. Tomás de Aquino**. Psicologia, P.128.

A verdade se encontra, portanto, prioritariamente na operação de adequação entre intelecto e coisa, realizada pelo intelecto, não na coisa, nos sentidos ou na formação da quiddidade feita pelo intelecto. Segundo Wippel, que trilha em uma análise lógica, a verdade se diz em outros âmbitos apenas por analogia<sup>124</sup>. No primeiro caso, a analogia se refere à ordem do significado e não da existência, por exemplo, a saúde somente pode ser identificada no ser, um animal. No segundo caso, é o contrário, se refere à existência e não ao significado, no exemplo de diversas coisas referenciam um mesmo significado. No terceiro caso, se refere tanto à existência quanto ao significado, quando ao ser se atribui substância e acidente.

O juízo implica que o intelecto acrescenta algo à realidade captada<sup>125</sup>.

---

<sup>124</sup> “(1) A analogia pode referir-se à ordem do significado por si só, mas não à ordem da existência (esse), como no caso da saúde. Embora a noção de saúde seja atribuída de modo analógico a coisas diferentes em termos de prioridade e de posterioridade, a analogia refere-se somente à ordem do significado, não à ordem da existência, pois a saúde perfeita é, na verdade, constatada somente em um analogado: o animal. (2) A analogia pode referir-se à ordem da existência, mas não à ordem do significado. Isso acontece quando coisas diferentes dividem de forma igual o mesmo significado ou intenção, muito embora a perfeição indicada pelo termo comum não goste de ficar do mesmo modo nos analogados diferentes. Na ordem do significado, não se tem analogia, mas sim univocidade. Tomás oferece um exemplo bem medieval: a matéria à medida como é dita de entidades terrestres e de celestiais. (3) Finalmente, a analogia pode referir-se tanto à ordem do significado quanto à da existência, como quando se diz que o ser (ens) é de substância e de acidente. É desta forma que se diz que a verdade, a bondade e todos os nomes assim são analogicamente de Deus e criaturas. Por esta razão, as perfeições indicadas por tais nomes devem estar presentes em Deus e nas criaturas nos termos de sua existência (esse), embora em graus variados de perfeição. E porque a verdade e perfeições similares não podem estar presentes em diferentes sujeitos de acordo com apenas uma existência (esse), devem existir verdades diferentes e, portanto, muitas verdades.” Wippel John F., “Truth in Thomas Aquinas I,” P.304.

<sup>125</sup> “Para que esta conformidade do conceito com o objeto se torne conhecida e adquiri a forma de verdade em uma consciência, é preciso que o intelecto adicione algo à realidade externa que foi absorvida. Esta adição se inicia enquanto, não se contentando em apreender uma coisa, pronuncia um julgamento sobre ela e diz: isto é um homem, isto é uma árvore.” GILSON, Etienne. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino**. Trad. Alberto Oteiza Quirno, P.328.

### Capítulo 3 - A aproximação entre medida e verdade

Este capítulo tem por objetivo mapear a presença da relação entre medida e verdade em algumas obras de Tomás de Aquino, tecendo esporadicamente considerações de comentadores. O tema é, de certa maneira, menos explorado pela bibliografia sobre Tomás, especialmente em língua portuguesa, embora trabalhos recentes venham chamando a atenção para sua importância.

Wippel, por exemplo, reconhece a presença do tema no pensamento de Tomás sobre a verdade, até esboça uma análise em relação ao tema, mas considera uma questão “*apenas conceitual*”,<sup>126</sup> o que, a nosso ver, afasta-se<sup>127</sup> significativamente dos textos de Tomás, minimizando sua justa posição na formulação do tema da verdade. Já Aertsen julga importante a questão da medida na discussão da verdade em Tomás de Aquino, dizendo ser ela “*determinante para a verdade*.”<sup>128</sup> Para ele, a relação entre verdade e medida não poucas vezes é esquecida, omitida ou relegada a um plano irrisório no pensamento de Tomás de Aquino: “*a noção de medida – geralmente bastante negligenciada nos estudos da verdade - merece maior atenção*.”<sup>129</sup> Alice Ramos também reconhece a importância do tema no pensamento filosófico-teológico de Tomás: “*ao consultar o Index Thomisticus ou algum outro arquivo de dados tomistas, damos-nos conta das várias vezes em que aparece este conceito na obra do Aquinate*”. Ela considera o tema “*de extrema importância em uma metafísica como a de Santo Tomás que lida com o ser infinito e o finito, a relação de todas as criaturas com Deus e a ordenação de todas as coisas para o seu fim*.” Enfatiza, em especial, “*a doutrina da circulatio, pela qual todos os efeitos retornam pela natureza para a causa de onde procedem, uma vez que a semelhança em sua origem encontra-se na perfeição do efeito*.”<sup>130</sup> Além disso, Alice Ramos acena para uma possível relação da medida com a

---

<sup>126</sup> Wippel John F., **Truth in Thomas Aquinas I**, *Review of Metaphysics* 43: 295-326 (1989), P.325.

<sup>127</sup> Idem, *ibidem*, P.325.

<sup>128</sup> Aertsen, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas's Way of Thought**. Leiden, Brill, 1988, P.148.

<sup>129</sup> Idem, *ibidem*, P.147.

<sup>130</sup> Ramos, Alice. **Mensura: un concepto neoplatónico en Tomás de Aquino**. In: **Metafísica y Antropología en el siglo XII**, ed. María Jesús Soto Bruna. Pamplona/ES: EUNSA, 2005, P.349.

graça e a vida divina, tópicos distantes do escopo de nosso estudo, mas que também evidenciam a relevância do tema para Tomás de Aquino.<sup>131</sup>

A aproximação entre verdade e medida permite situar, primeiro, a importância do intelecto divino na discussão de Tomás sobre verdade. Além disso, essa aproximação também permite mostrar a importância das coisas naturais como criaturas, que são medidas secundárias em relação ao intelecto humano. De fato, a verdade está localizada de modo prioritário no intelecto humano, como *adaequatio*, mas também não deixa de estar nas coisas naturais e nos sentidos, pois são criadas pelo intelecto divino. Justamente por isso, as coisas naturais constituem-se como medidas secundárias para o intelecto humano. O intelecto humano, por sua vez, mede quando concebe as coisas artificiais.

Com efeito, nosso mapeamento da obra de Tomás de Aquino sugere a proeminência de *adaequatio* nos textos filosóficos e de *mensura* naqueles teológicos, embora, em várias passagens, eles sejam intercambiáveis. Se assim for, dada essa primazia do intelecto divino em relação à sua criação, pode-se destacar, a partir dos textos, o elemento teológico da medida em contraposição ao elemento filosófico da adequação. O elemento teológico da medida teria precedência, pois o intelecto divino concebeu e criou todas as coisas naturais, sendo a medida não mensurada, ou seja, o primeiro ser, primeira verdade, primeira medida. Todas as coisas naturais são criaturas e, por sua vez, apresentam-se como medidas secundárias do intelecto humano, iniciando-se assim o processo de adequação da coisa natural ao intelecto humano. Se nossa hipótese estiver correta, é no processo da adequação, que o elemento teológico da medida junta-se ao elemento filosófico da *adaequatio*.

O tema da medida perpassa a obra de Tomás de Aquino, pelo menos desde seu primeiro ensino em Paris, entre 1252 e 1259.<sup>132</sup> São dessa época o *Comentário às Sentenças*, as *Questões Disputadas sobre a Verdade* e o início da *Suma contra os Gentios*. Iniciada em 1258 e continuada em Nápoles entre 1259 e 1261, a obra foi concluída em Orvieto antes de 1264. Também aí,

---

<sup>131</sup> Ramos, Alice. **Mensura: un concepto neoplatónico en Tomás de Aquino**. In: **Metafísica y Antropología en el siglo XII**, ed. María Jesús Soto Bruna. Pamplona/ES: EUNSA, 2005, P.369

<sup>132</sup> Para essa cronologia das obras de Tomás, consultamos NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. **Santo Tomás de Aquino, o Boi Mudo da Sicília**. São Paulo: EDUSC, 1992, P.105-108.

nesse período, Tomás escreve outro texto que trata sobre a medida, a saber, o *Comentário sobre os Nomes Divinos*, escrito entre 1261 e 1265. Do período em Roma, entre 1265 e 1268, são as *Questões Disputadas sobre a Potência de Deus* e o início da *Suma de Teologia*, retomada no segundo ensino em Paris, entre 1268 e 1272 e no segundo ensino em Nápoles, entre 1272 e 1274, mas inacabada. Durante seu segundo ensino em Paris, Tomás escreveu três comentários aristotélicos relevantes para nosso estudo: o *Comentário à Física*, o *Peri Hermeneias* e o *Comentário à Ética a Nicômaco*.

Tomás de Aquino afirma no *Comentário às Sentenças* que o intelecto divino é o princípio e causa das coisas naturais, todas mensuradas por ele, o primeiro mensurador. No *Comentário às Sentenças*, Tomás apoia-se nesse ponto no *De Veritate* de Anselmo. Ele afirma que as coisas naturais são verdadeiras enquanto dependem diretamente da verdade divina, como causa exemplar e eficiente: “Assim também há uma verdade – a divina – por meio da qual todas as outras coisas são verdadeiras à medida que dela dependem como sua causa exemplar e eficiente.”<sup>133</sup> Essa causa é a medida delas, como diz explicitamente a passagem de Anselmo citada por Tomás: “somente uma verdade para a qual todas as coisas verdadeiras correspondem como suas medidas.”<sup>134</sup> Tomás afirma aí que “a verdade é um tipo de equidade e comensuração” pela qual “coisas criadas estão relacionadas com nossos intelectos como causas, já que estes tiram seu conhecimento de tais coisas. Nosso conhecimento não mede as coisas, mas é medido por elas.” Disso é possível concluir que “intelecto divino é a medida primária, a qual não é medida por mais nada.” As coisas criadas, por sua vez, “são medidas secundárias e também são medidas (pelo intelecto divino)”. Já o intelecto humano “é medido (por seus objetos), mas não mede.” A partir desse quadro, Tomás conclui que há uma “medida primária da verdade”, porém, “muitas medidas secundárias assim como existem muitas coisas criadas.” Daí também infere que “há muitas verdades”, possivelmente porque, conforme Wippel, a verdade “envolve uma relação entre um intelecto e uma medida, e existem muitas medidas

---

<sup>133</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Comentário às Sentenças*, dist. 19, q. 5, a. 2 apud Wippel John F., *Truth in Thomas Aquinas I*, *Review of Metaphysics* 43: 295-326 (1989), P.303.

<sup>134</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Comentário às Sentenças*, dist. 19, q. 5, a. 2, ad. 2 apud Idem, *ibidem*, P.306.

criadas.”<sup>135</sup> Finalizando sua análise, Tomás diz que “*mesmo que só houvesse uma medida da verdade, ainda não se concluiria que há só uma verdade*”. Nesse sentido, Wippel não concorda com a tese de que a verdade em si seja uma medida, mas “*uma comensuração ou adequação*”. Nesse sentido, Tomás de Aquino afirma haver “*diferentes comensurações em coisas diferentes para uma única e mesma medida.*”

Nas *Questões Disputadas sobre a Verdade*, Tomás comenta uma passagem bíblica fundamental para a discussão sobre a verdade como medida, a saber, Sabedoria, 11, 21, sobre a ordenação de todas as coisas em medida, número e peso: “*Diz-se na Sabedoria (11: 21): Mas Tu ordenaste todas as coisas na medida, número e peso.*”<sup>136</sup> Examinando a relação entre esses elementos, ele afirma:

*“Entre as três notas que Agostinho estabelece, a última, a ordem, é a relação que o nome bom implica, mas as outras duas, espécie e medida, são causas dessa relação. A espécie pertence à própria especificidade que, tendo existência num sujeito, é recebida numa determinada medida, uma vez que tudo o que se encontra em um sujeito que está em acordo com a medida do sujeito. Assim, todo o bem, sendo perfectivo em conformidade com a sua especificidade e seu ato de ser, tem medida, espécie e ordem: espécie em sua especificidade, a medida em seu ato de ser, e da ordem de seu status como perfectivo.”*<sup>137</sup>

Tomás também trata da relação entre verdade e medida, através da relação entre adequação e medida, ao conceituar o que vem a ser verdade. Diz

---

<sup>135</sup> Wippel John F., *Truth in Thomas Aquinas I*, *Review of Metaphysics* 43: 295-326 (1989), P.306.

<sup>136</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 21, 6, pr. 5. Uma discussão sobre a Trindade no que tange a medida (modus) em Agostinho, que com certeza influenciou Tomás de Aquino. Moreschini cita uma discussão agostiniana de como a medida pode ser aplicada à Trindade. Para Agostinho, medida é modus. O Pai é o summus modus e o Filho, modus. Conforme o comentador, o primeiro é a medida não mensurada, o um de Plotino, enquanto o segundo, a operação divina transcorrida originalmente de uma Pessoa divina à outra. Agostinho pretendeu relacionar a Trindade às três hipóstases plotiniana, nem sempre com êxito, pois essa correspondência é construída “*somente a preço de um exagero da concepção de Plotino. Ao mesmo tempo que a segunda e a terceira hipóstase devem ser diferente da primeira, por essa ser o summus modus que mensura as demais, deve também ser análogas. Nesse sentido:*” o modus é o que une as três Pessoas, e é a natureza divina que as faz participar da natureza do Pai, que é summus modus e origem das outras duas Pessoas. Assim, o modus indica a natureza divina comum, e também o que une o ser racional a Deus.” MORESCHINI, Cláudio. *História da filosofia patrística*. Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2008, P.468.

<sup>137</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Questões disputadas sobre a verdade*, q. 21, 6, r.

ele, a verdade “*importa certa adequação e comensurabilidade (adaequationem quandam et commensurationem)*.”<sup>138</sup> Assim, “*uma coisa é denominada verdadeira do mesmo modo em que é denominada comensurada*.”<sup>139</sup> A mesma idéia voltará na questão 21:

“A essência da verdade consiste em certa adequação ou comensuração. Mas uma coisa é designada como medida ou comensurada a partir de algo extrínseco, como pano de um antebraço ou cúbito. Isto é o que Anselmo significava ao dizer que todas as coisas são verdadeiras pela primeira verdade.”<sup>140</sup>

Em relação às coisas<sup>141</sup>, Tomás explica que assim como os corpos “são medidos tanto por medida intrínseca, como a linha ou a superfície ou a profundidade, quanto por medida extrínseca, como a coisa localizada pelo lugar, o movimento pelo tempo e o pano pelo braço”, assim também é a verdade. Ele usa essa distinção para explicar, então, como: “*uma coisa pode ser denominada verdadeira de duas maneiras: a primeira por uma verdade inerente (veritate inhaerente), a segunda por uma verdade extrínseca (extrinseca veritate)*”. Desse modo, “*todas as coisas são denominadas verdadeiras pela verdade primeira (omnes res verae a prima veritate)*.”<sup>142</sup>

O próximo passo será esclarecer o sentido dessa verdade primeira, momento em que Tomás vincula medida e verdade em relação às coisas e ao intelecto divino – criaturas:

---

<sup>138</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 5, r. Aertsen chama a atenção para o fato de que a verdade implica uma medida: “(...) o conceito da ‘verdade’ implica em uma ‘medida’ (na mensura) de certa relação entre o ser e o intelecto.” Aertsen, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas’s Way of Thought**. Leiden, Brill, 1988, P.147.

<sup>139</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 5, r.

<sup>140</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 21, 4, ad. 5. Dessa forma, a temática da medida relaciona-se com a verdade como adequação entre a coisa e o intelecto humano, de acordo com Pieper: “*através desta doação ou recebimento de medição ocorre um certo tipo de igualdade: adequação, ou equivalência, ou mesmo da identidade; sem uma tal identidade, nós não poderíamos falar em termos de um modelo, nem de uma cópia.*” Pieper, Josef. “*La verdad de las cosas, concepto olvidado*”. Acesso em 11-03-2013 às 23:16. <http://centropieper.blogspot.com.br/2009/02/las-verdad-de-las-cosas-concepto.html>.

<sup>141</sup> Uma pergunta poderia surgir naturalmente: de que maneira as coisas naturais podem ser consideradas como medidas? Aertsen auxilia-nos a responder a este questionamento: *as coisas naturais são a medida da inteligência, não no sentido de que a coisa conhecida é no sujeito que conhece segundo o seu modo natural de ser. No que se refere ao conhecimento, a faculdade de conhecer é medida.*” Aertsen, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas’s Way of Thought**. Leiden, Brill, 1988, P.154.

<sup>142</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 5, r.

*“(...) como a verdade que é no intelecto é medida pelas próprias coisas (veritas quae est in intellectu, mensuratur a rebus ipsis), segue-se que não só a verdade da coisa (veritas rei) mas também a verdade do intelecto ou da enunciação (veritas intellectus, vel enuntiationis), que significa o que se entendeu, é denominada pela verdade primeira (veritate prima).”<sup>143</sup>*

Daí ele conclui que a verdade das coisas e das proposições é eterna:

*“(...) a verdade das verdades das coisas, pelas quais todas as coisas são denominadas verdadeiras como por medida extrínseca, isto é, a verdade primeira (veritas prima), então a verdade de tudo, tanto das coisas quanto das proposições, é eterna.”<sup>144</sup>*

Tomás traz uma discussão um tanto mais refinada sobre essa distinção entre medida extrínseca e intrínseca no *Comentário à Física*<sup>145</sup>. Ele observa que, na primeira, há quatro gêneros de causas: matéria, forma, causa final e agente. No que diz respeito à forma e matéria, *“qualquer asserção baseada nessas duas diz respeito à situação de ‘substância’, como quando eu digo que o homem é racional e o homem é corporal”*. No que tange a relação entre causa final e agente, *“a causa final não causa separadamente o agente; pois a final é uma causa apenas na medida em que influencia o agente.”* Desta forma, *“a única causa de acordo com a qual uma coisa pode ser denominada como baseada em algo extrínseco é o agente causa”*. A medida extrínseca também se relaciona com tempo e lugar, pela qual *“a situação ‘quando’, sempre que algo é denominado por tempo; quando é denominada por lugar, é a situação ‘onde’ ou a situação ‘situs’, que acrescenta para ‘onde’ a ordem das peças no lugar.”* A medida intrínseca relaciona-se com o comprimento, largura, profundidade das coisas, pela qual *“o sujeito é denominado algo pela razão que inere intrinsecamente; por conseguinte, este se refere à situação quantidade.”*

---

<sup>143</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 5, r.

<sup>144</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 5, r. A esse respeito, diz Alice Ramos: “na ordem do ser e da verdade, Deus, como a primeira causa eficiente e exemplar, é o máximo, a medida extrínseca, segundo a qual as criaturas participam mais ou menos do ser e da verdade.” Ramos, Alice. **Mensura: un concepto neoplatónico en Tomás de Aquino**. In: **Metafísica y Antropología en el siglo XII**, ed. María Jesús Soto Bruna. Pamplona/ES: EUNSA, 2005, P.354.

<sup>145</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Comentário à Física**. III, lect. 5, cap. 3, 322.

Voltando às *Questões Disputadas sobre a Verdade*, a associação entre intelecto divino, medida e verdade encontra-se já na questão 1, artigo 2, quando Tomás comenta a distinção aristotélica entre intelecto prático<sup>146</sup> e intelecto especulativo.<sup>147</sup> Esclarecendo a relação entre a coisa e os intelectos

---

<sup>146</sup> Vários comentadores examinam esse ponto por diferentes perspectivas. Além, disso, “Mesmo a res artificialis, produzida, portanto, medida pelo intelecto prático, é também fundamentalm. ente medidora, pois ela impõe ao intelecto as regras que ele deverá seguir para fabricá-la ou construí-la.” DE BELLOY, Camille. **A verdade do agir segundo santo Tomás de Aquino.** (*La vérité de l’agir selon saint Thomas d’Aquin*) . Revue Thomiste 2004, vol. 104, no 1-2. Tradução de Ana Resende, P.122. Para De Belloy, “não se trata evidentemente de uma divisão de papéis entre Deus e o homem, como se o intelecto divino fosse incapaz de especulação ou o intelecto humano, incapaz de toda produção. Trata-se somente de assinalar, em termos gerais, a diferença irreduzível entre intelecto divino e intelecto humano, em suas respectivas posições em relação ao real criado: o intelecto de Deus é causa e medida absoluta do real, enquanto o nosso é fundamentalmente causado e medido, pelo intelecto divino, primeiro, mas também – e não menos fundamentalmente – pelo real, pelas ‘coisas.’” E “o trabalho do intelecto especulativo é, em essência, um trabalho de recepção: accipit a rebus; ele não tira nada de seu fundo próprio, ele recebe todas as coisas e é a partir deste real que lhe é dado que ele constitui a sua ciência. Tomás é mais radical e mais incisivo ainda na sua expressão: ‘nosso intelecto recebe sua ciência das coisas (intellectus noster scientiam accipit)’, afirma ele.” Ibidem, P.110. Aertsen explica “o intelecto prático entende como seu fim não a verdade como tal, mas o sua aplicação de algum tipo particular e a algum determinado tempo.” Assim, “no que diz respeito ao que é pela arte, o intelecto humano é cognitivo e operativo. O conhecimento do artífice precede as coisas conhecidas, pois elas constituem-se como artefatos pela razão humana. A ciência é, portanto, chamada ‘prática.’” De acordo com ele, “o intelecto especulativo, sendo receptivo às coisas, é de certa forma movido pelas coisas e, em consequência, as coisas medem. Por isso, é evidente que as coisas naturais das quais o nosso intelecto recebe conhecimento medem nosso intelecto.” Dada a tese aristotélica que a arte é imitação da natureza, a arte vem depois da natureza. Por isso que o intelecto prático não possui prioridade para Tomás de Aquino: “o intelecto prático não tem prioridade, porque a arte é uma causa mais tardia do que a natureza (*Ars imitatur naturam*)” Aertsen, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas’s Way of Thought.** Leiden, Brill, 1988, P.155. Conforme Pieper, coisas artificiais são aquelas “(...) que foram feitas pelo homem - são, na verdade, as que se encontram em virtude de sua adequação com o desenho, pré-existente, com base no espírito do conhecedor do artífice.” Pieper, Josef. “La verdad de las cosas, concepto olvidado.” Acesso em 11-03-2013 às 23:16. <http://centropieper.blogspot.com.br/2009/02/las-verdad-de-las-cosas-concepto.html>. A diferença entre coisas naturais e coisas artificiais é importante para Tomás de Aquino, na aplicação do conceito de medida. No caso das coisas naturais, são as medidas do intelecto humano. No caso das coisas artificiais, o intelecto humano é o seu mensurador, pois as cria. E as coisas naturais podem ser ditas verdadeiras por causa de sua imitação em relação ao intelecto divino. E elas são mais verdadeiras em função da sua relação com o intelecto divino do que em si mesmas. A coisa natural sempre está aquém de sua causa, mesmo participando dela a partir da imitação, e traz em si uma finalidade de retorno ao seu modelo, a sua medida primeira. Conforme Lauand: *Não-atribuidor, ao menos no que se refere às coisas naturais, se bem que, sim, é atribuidor de medida, no que se refere às res artificiales (este é o ponto em que, para Tomás, a diferenciação entre coisas criadas e coisas feitas torna-se basilar)* Lauand, Jean. “Razão, Natureza e Graça – Tomás de Aquino em Sentenças”. <http://www.hottopos.com/mp3/sentom.htm>. Acesso em 11-03-2013 às 19:47.

<sup>147</sup> “O trabalho do intelecto especulativo é, em essência, um trabalho de recepção: accipit a rebus; ele não tira nada de seu fundo próprio, ele recebe todas as coisas e é a partir deste real que lhe é dado que ele constitui a sua ciência. Tomás é mais radical e mais incisivo ainda na sua expressão: ‘nosso intelecto recebe sua ciência das coisas (intellectus noster scientiam accipit)’, afirma ele.” DE BELLOY, Camille. **A verdade do agir segundo santo Tomás de Aquino.** (*La vérité de l’agir selon saint Thomas d’Aquin*) . Revue Thomiste 2004, vol. 104, no 1-2.. Tradução de Ana Resende, P. 110 De acordo com Aertsen, “o intelecto especulativo, sendo receptivo às coisas, é de certa forma movido pelas coisas e, em consequência, as coisas

prático e especulativo, Tomás afirma que o primeiro “*causa a coisa*”, sendo, portanto, “*medida das coisas*” que ele produz. Por outro lado, o intelecto especulativo “*recebe as coisas*” e, “*de certo modo*”, é “*movido por elas*”, conseqüentemente, “*as coisas medem-no*”. Seguindo esse raciocínio, “*o intelecto divino é mensurador não mensurado*”, “*a coisa natural é mensuradora*” (isto é, em relação ao intelecto humano) e “*mensurada*” (pelo intelecto divino), enquanto o intelecto humano é mensurado pelas coisas naturais e “*mensurador apenas das artificiais*”.<sup>148</sup>

Na *Suma contra os Gentios*, Tomás centra-se mais no intelecto divino como princípio, medida e verdade.<sup>149</sup> Ele afirma que “*(...) Deus não é somente verdadeiro, mas é a própria verdade*” e “*a verdade divina é a medida de toda verdade*”, daí: “*a verdade da coisa é medida pela verdade do intelecto divino, que é a causa das coisas*”. Dessa maneira, tanto o intelecto humano, quanto as coisas naturais são criados, mensurados pelo intelecto divino, que é o primeiro princípio:

“*(...) sendo também Deus o intelecto e o primeiro inteligível, é necessário que a verdade de qualquer intelecto se meça pela verdade dele (oportet quod veritas intellectus cuiuslibet eius veritate mensuratur), posto que tudo se mede pelo primeiro no seu gênero, como ensina o Filósofo (X Metafísica 1, 1052b; Cmt 2, 1938)*”.<sup>150</sup>

Tomás de Aquino expressará uma opinião semelhante nas *Questões Disputadas sobre a potência de Deus*: “*a potência divina é a medida de todas as potências (divinam potentiam omnium potentiarum esse mensuram)*”.<sup>151</sup> Também fala no texto da *Suma contra os Gentios* sobre o movimento de retorno<sup>152</sup> das criaturas a Deus, como no círculo. Essa noção de *circulatio* tem

---

*medem. Por isso, é evidente que as coisas naturais das quais o nosso intelecto recebe conhecimento medem nosso intelecto.*” Aertsen, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas's Way of Thought**. Leiden, Brill, 1988, P.147.

<sup>148</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 2, r.

<sup>149</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, LXI, 1 (507).

<sup>150</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, LXII, 4 (519).

<sup>151</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a potência de Deus**, q.1, 4, ad. 4.

<sup>152</sup> Conforme Alice Ramos: “*No retorno das criaturas a sua origem, o tema da medida mostra mais uma vez sua relevância, uma vez que mensura as coisas no ser também as medirá em sua atividade, em seu movimento em direção à atualização e a perfeição, na posse de seu fim.*” Ramos, Alice. **Mensura: un concepto neoplatónico en Tomás de Aquino**. In: **Metafísica y Antropología en el siglo XII**, ed. María Jesús Soto Bruna. Pamplona/ES: EUNSA, 2005, P. 358 É o movimento de retorno das criaturas ao seu criador, o intelecto divino, de acordo com Aertsen: “*tal prática é a medida do movimento. Para todos os movimentos, o movimento*

forte influência platônica e se vincula à idéia de que todo efeito retorna à sua causa, gênese e princípio; todo ser provém do uno e a ele retorna:

*“(...) o efeito é perfeito ao máximo quando volta ao seu princípio. Por isso, o círculo é, entre todas as figuras, a mais perfeita e o movimento circularo mais perfeito dos movimentos, porque neles há volta ao princípio. Por conseguinte, para que a totalidade das criaturas atinja a sua última perfeição, é necessário voltarem ao seu princípio. [oportet creaturas ad suum principium redire principium]”<sup>153</sup>*

Tomás fará a mesma afirmação nos *Comentários sobre os Nomes Divinos*: “*Todo efeito retorna (convertitur)*”<sup>154</sup> Ainda na *Suma contra os Gentios*, mais à frente, vinculará a diversidade das coisas ao distanciamento do primeiro princípio.

*“(...) como todas as perfeições das coisas descem de Deus ordenadamente, de Deus que é o vértice supremo de todas elas (...)”<sup>155</sup>*  
*“Em Deus, que é sumo vértice das coisas, há perfeitíssima unidade, e cada coisa é tanto mais virtuosa e digna quanto mais uma ela é. Disto resulta que tanto maior é a diversidade e a variedade que nelas se encontram, quanto mais se distanciam do primeiro princípio. [quantum a primo princípio]”<sup>156</sup>*

Medida e verdade voltam na primeira parte da *Suma de Teologia*, agora enfatizando Deus como medida primeira e universal. Ele “*não é uma medida proporcional (mensura proportionata) ao que quer que seja*”, mas “*medida de todas as coisas (mensura omnium), porque cada uma tanto participa do ser quanto se aproxima de Deus.*”<sup>157</sup> Alice Ramos identifica bem o lugar da

---

*circular é a forma mais uniforme, regular e perfeita.”* Aertsen, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas's Way of Thought**. Leiden, Brill, 1988, P.147.

<sup>153</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, I, XLVI, 1 (1229).

<sup>154</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Comentários sobre os nomes divinos**. cap. 1, lect. 3, 94. Apud Ramos, Alice. “*Aquinas on measure*”, St. John's University Jamaica, New York, Acesso em 21-02-2013 às 22:50 <http://maritain.nd.edu/jmc/ti00/ramos.htm>.

<sup>155</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, IV, I 1 (3337).

<sup>156</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios**, IV, I 3 (3339).

<sup>157</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 3, 5, ad. 2: “*Deus (...) não é uma medida proporcional (mensura proportionata) ao que quer que seja. Diz-se, contudo, medida de todas as coisas (mensura omnium), porque cada uma tanto participa do ser quanto se aproxima de Deus.*” Porque Deus é a causa de todas as coisas, a relação entre o intelecto humano e as coisas naturais serve de analogia para a relação entre o Criador e as criaturas, conforme explica Alice Ramos: “*Uma vez que foi estabelecido que Deus é a causa universal dos seres, Santo Tomás conclui que, assim como a verdade de nosso intelecto está de acordo com o seu*

metafísica aristotélica na visão fortemente platônica que Tomás possui sobre a medida<sup>158</sup>. Uma passagem particularmente importante nesse sentido contrapõe o uno e o múltiplo, associando o primeiro à medida:

---

*princípio, ou seja, com as coisas de que ele recebe o conhecimento, bem como a verdade dessas mesmas coisas das quais ele recebe o conhecimento, assim também a verdade destas mesmas coisas é de acordo com a conformidade com o seu princípio, que é o intelecto divino. A relação do intelecto humano com seus objetos pode, então, ser usada como uma analogia para o relacionamento das criaturas com sua causa. A relação unilateral entre a mente humana e os seus objetos, através da qual esses objetos são a medida da mente, sem ser esta alterada em seu ser quando aqueles são conhecidos, serve como uma analogia para a relação unilateral entre o intelecto divino, a medida absoluta de todo o ser criado e de inteligibilidade e as coisas que Deus deu-nos o ser.”* Ramos, Alice. **Mensura: un concepto neoplatónico en Tomás de Aquino.** In: **Metafísica y Antropología en el siglo XII**, ed. María Jesús Soto Bruna. Pamplona/ES: EUNSA, 2005, P.351. Sobre a imperfeição do ser, ela afirma: “Os seres criados têm, portanto, um ser contraído, um ser imperfeito; o que eles são não é idêntico ao seu ser. Como resultado dessa imperfeição, há, portanto, um desejo natural em direção a uma maior atualidade, um desejo de assimilar a causa de onde são originários os seres criados.” *Ibidem*, P.353 Vale destacar que essa assimilação da realidade é deficitária, pois nenhuma criatura é criada na plena perfeição divina, como diz Gilson: “Na realidade, a criação comporta desde seu primeiro momento uma distância infinita entre Deus e as coisas; a assimilação do mundo a Deus é inevitavelmente deficiente e nenhuma criatura recebe a plenitude total da perfeição divina porque as perfeições só passam de Deus à criatura efetuando uma espécie de descida. A ordem segundo a qual essa descida se efetua é a própria lei que rege a constituição íntima do universo: todas as criaturas se dispõem segundo uma ordem hierárquica de perfeição, indo das mais perfeitas, que são os anjos, às menos perfeitas, que são os corpos, e de tal maneira que o grau mais baixo de cada espécie superior confira com o grau mais elevado de cada espécie inferior.” GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média.** São Paulo: Martins Fontes, 2001, P. 665-666. Sobre o lugar do homem na criação: “Nessa hierarquia descendente da criatura, o aparecimento do homem e, por conseguinte, da matéria, assinala um grau característico. Por sua alma, o homem ainda pertence à série dos seres imateriais, mas sua alma não é uma Inteligência pura como são os anjos, ela não é mais que um simples intelecto. Intelecto, porque ainda é um princípio de intelectão e porque pode conhecer um certo inteligível; mas não Inteligência, porque é essencialmente ‘unível’ a um corpo. A alma é, com efeito, uma substância intelectual, mas à qual é essencial ser a forma do corpo e constituir com ele um composto físico de mesma natureza que todos os compostos de matéria e de forma. É por isso que a alma humana está no último grau das criaturas inteligentes; ela é a mais distante de todas as perfeições do intelecto divino. Em compensação, enquanto é forma de um corpo, ela o domina e o supera de tal maneira, que a alma humana assinala os confins e como que a linha do horizonte entre o reino das outras Inteligências e o domínio dos corpos.” GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média.** São Paulo: Martins Fontes, 2001, P. 666-667.

<sup>158</sup> “Embora o desenvolvimento do tema da medida na metafísica tomista seja derivado principalmente de fontes neoplatônicas, existe, no entanto uma ideia de Aristóteles que desempenha um importante papel na metafísica, isto é, a ideia de que a unidade é a verdadeira medida do gênero quantidade. Esta ideia será desenvolvida pelo Aquinate de modo neoplatônico: Um é a medida de tudo o que é, e ele está presente em cada ser de forma semelhante como a unidade está presente em cada número.” Ramos, Alice. **Mensura: un concepto neoplatónico en Tomás de Aquino.** In: **Metafísica y Antropología en el siglo XII**, ed. María Jesús Soto Bruna. Pamplona/ES: EUNSA, 2005, P.352. Moreschini identifica na concepção de medida, como também de unidade, a influência dos pitagóricos, Platão, Aristóteles e Cícero: “A noção de unidade e medida deriva de Platão e dos pitagóricos. Nas Leis de Platão, o deus, na polêmica com Protágoras, é chamado de ‘medida de todas as coisas’, mas no mesmo contexto se diz que o homem, por ser amigo de deus, deve ter medida. Já em Platão, portanto, estão presentes as duas acepções e ética, do termo ‘medida’. A unidade é princípio de ser, de conhecimento e de valor, coincide com a idéia do Bem e definida na República e no Filebo, limite e medida. Do mesmo modo, para Aristóteles o bem é o justo meio entre os extremos e é considerado como ‘a medida mais perfeita’. A medida, enfim, é um

*“O um (unum), princípio do número, se opõe à multiplicidade (multitudini) que é número, como a medida (mensura) se opõe ao que é medido (mensurato).” (...) “o um (unum) tem a razão de medida primeira (rationem primae mensurae) e o número é a multiplicidade medida pelo um (multitudo mensurata per unum), como se vê no livro X da Metafísica.”*<sup>159</sup>

Nas questões seguintes, apontando a imperfeição e multiplicidade da criatura comparada ao Criador, Tomás afirma que *“Deus não é uma medida proporcionada (mensura proportionata) ao que Ele mede (mensuratis)”*<sup>160</sup> Descreve as coisas naturais como *“intermediárias (mediae inter) entre a ciência de Deus (scientiam Dei) e a nossa (scientiam nostram); pois adquirimos nossa ciência a partir destas realidades naturais, cuja causa é Deus, por sua ciência.”*<sup>161</sup> Dessa maneira, elas são medidas de nossa ciência e mensuradas pela ciência divina:

*“assim como as coisas cognoscíveis naturais (scibilia naturalia) são anteriores à nossa ciência e a sua medida (mensura eius), assim também a ciência de Deus (scientia Dei) é a primeira em relação às coisas naturais (res naturales) e a medida das mesmas (mensura ipsarum).”*<sup>162</sup>

Retomando o tema do intelecto divino como medida primeira, a questão 16 afirma que Deus é a primeira verdade e sua própria inteligência e que essa é a gênese e medida de todo ser e de todo o intelecto: *“Ele (Deus) é sua própria inteligência, e esta é a medida e a causa (mensura et causa) de qualquer e outro ser e de qualquer intelecto.”* Dessa forma, *“não somente a verdade está nele, mas que Ele próprio é a suprema e primeira verdade.”*<sup>163</sup> Como nota Gilson, porque o *“conhecimento de Deus visa primariamente sua própria essência”, “as Ideias são idênticas com a divina essência e não lhe comprometem, em absoluto, a simplicidade.”*<sup>164</sup>

---

*conceito também da moral ciceroniana, e tinha inspirado o primeiro tratado de Agostinho.”* MORESCHINI, Cláudio. **História da filosofia patristica.** Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2008, P. 466-467.

<sup>159</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 11, 2, r.

<sup>160</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 13, 5, r.

<sup>161</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 14, 8, ad. 3.

<sup>162</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 14, 8, ad. 3.

<sup>163</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia** I<sup>a</sup>, 16, 5, r.

<sup>164</sup> *“O conhecimento de Deus visa primariamente a sua própria essência. Conhece-a não só em si mesma, como também na sua imitabilidade, isto é, enquanto ela pode ser imitada, de determinada maneira pelas criaturas. Por isso as Ideias são idênticas com a divina essência, e não lhe comprometem, em absoluto, a simplicidade.”* BOEHNER, P. et GILSON, E. **História da filosofia cristã.** Desde as origens até Nicolau de Cusa. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, P.461.

No *Peri Hermeneias*, assim como nas *Questões Disputadas sobre a Verdade*, Tomás menciona dois modos como a coisa natural relacionar-se com o intelecto.<sup>165</sup> No primeiro caso, trata-se da coisa, que se comporta como medida na relação com o intelecto humano, “*uma relação de medida com o medido: é o caso das coisas da natureza em face do intelecto especulativo humano.*” Dessa forma, “*a inteligência é dita verdadeira, ela é conforme ao objeto, e é dita falsa enquanto ela está em discordância com ele.*” No segundo caso, “*as coisas têm com a inteligência uma relação de medido a medida, como é claro para o intelecto prático que é causa das coisas.*” Tomás exemplifica isso da seguinte forma: “*toda obra humana é dita verdadeira enquanto ela atinge os cânones da arte, falsa enquanto dela se afasta.*” Mais adiante no texto, ele afirma: “*as coisas são ditas verdadeiras com referência à sua medida, o mesmo se aplica aos sentidos e à inteligência cuja medida é o objeto exterior.*”<sup>166</sup>

Por fim, no Comentário à *Ética a Nicômaco*, texto mais tardio, Tomás afirma que a medida tem relação direta com o quantitativo da entidade e a qualidade: “*quantidade, que é a medida da substância; qualidade, que é a disposição da substância e relação, que é a referência da substância.*”<sup>167</sup> Se a medida é o aspecto quantitativo da entidade, o verdadeiro atende pelo aspecto qualitativo dela. Neste aspecto, medida e verdade são faces de uma mesma moeda.<sup>168</sup>

---

<sup>165</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Peri Hermeneias*. I, 3, 7 apud GARDEIL, H. D. **Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino**. Introdução/ Lógica. Trad. Wanda Figueiredo. São Paulo: Duas Cidades, 1967.

<sup>166</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Peri Hermeneias*. I, 3, 9 apud Idem, *ibidem*.

<sup>167</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Comentário à Ética a Nicômaco*. L. I, Lect. 6, n.º 7, 80.

<sup>168</sup> Numa possível interpretação, a disposição da substância, expressa pela qualidade, pode tratar-se do verdadeiro: “*o verdadeiro (verum) é uma disposição do ente, não no sentido que lhe acrescenta alguma natureza e nem como que exprimindo algum modo especial do ente, mas exprimindo algum modo especial do ente, mas exprimindo algo que se encontra geralmente em todo ente, e que todavia não é expresso pelo nome ‘ente’.*” TOMÁS DE AQUINO. **Questões disputadas sobre a verdade**, q. 1, 1, ad. 4. De acordo com Aertsen: “*quantidade adquire o caráter de ‘perfeição’, forma um ‘critério’. ‘Medida’ é o primeiro, o mais simples e o mais perfeito de todos os gêneros*”, “*quantidade implica o conceito de medida. Através da medida, o que se for possível medir é conhecido.*” Ao fazer referência à quantidade da entidade, explica a estaticidade da relação entre o mensurador e o mensurado: “*a quantidade é baseada numa relação estática. Através dela, uma coisa está relacionada com a outra no sentido de medir e medidos.*” Aertsen, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas’s Way of Thought**. Leiden, Brill, 1988, P.147 Jean Luiz Lauand, citando Pieper, também enxerga um aspecto qualitativo no conceito de medida, mensura: “*‘Medida’ como conceito ontológico - ensina Pieper -, significa algo qualitativo, algo que pertence ao âmbito da*

## Conclusão

Percorremos as *Questões Disputadas sobre a Verdade* e a *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino procurando esclarecer nessas obras, em linhas bastante gerais, o sentido de “verdade” nas coisas e no intelecto humano bem como a primeira e segunda operações do espírito na apreensão da verdade, ao mesmo tempo em que identificamos passagens em outros textos nos quais o assunto aparece. No desenvolvimento desse estudo, notamos desde o princípio a recorrência e importância da noção de medida nessas discussões, cuja presença em várias obras de Tomás de Aquino registramos no capítulo 3, embora, evidentemente, não de maneira exaustiva. No que versa aos temas acima elencados, não encontramos profundas mudanças no pensamento de Tomás de Aquino ao longo de sua obra, por isso, tratamos as análises da *Suma de Teologia* como complementares àquelas das *Questões Disputadas sobre a Verdade*.

Como indicamos na Introdução, algumas questões balizaram nosso estudo no primeiro e segundo capítulos: onde está a verdade? Estaria nas coisas, no intelecto humano, nos sentidos ou em todas essas? Em que sentido a verdade se encontra nas coisas naturais, no intelecto humano e nos sentidos? Estaria na primeira operação, na segunda operação ou em ambas? Caso esteja nas duas, em que medida a verdade pode ser aplicada a essas operações intelectuais? No que tange as coisas naturais, essas possuem ser e verdade, ou seja, são manifestáveis ao intelecto humano e, por isso, possuem verdade em certo sentido. Trata-se de um ponto importante, pois as coisas naturais não existem por si mesmas, mas são frutos de um processo criativo do intelecto divino. (Não adotamos essa linha de pesquisa neste estudo, mas ela não deixa de estar presente na teoria da verdade de Tomás de Aquino.) Vimos como Tomás de Aquino mostra a convertibilidade entre ente e verdadeiro, ao mesmo tempo em que explica a maneira como a verdade expressa um modo do ente não expresso pelo nome “ente”. Também examinamos como na primeira operação de simples apreensão o intelecto humano apreende o ente. No que tange aos sentidos, Tomás é claro em afirmar que não é possível

---

forma substancial.” Lauand, Jean. “Razão, Natureza e Graça – Tomás de Aquino em Sentenças.” <http://www.hottopos.com/mp3/sentom.htm> . Acesso em 11-03-2013 às 19:47.

conhecer sem a intermediação dos sentidos. Esses têm sua importância, seu grau de verdade, contudo, os sentidos dependem do corpo para desenvolver o papel que lhe cabe no processo cognitivo da verdade. No que tange o intelecto humano, Tomás é preciso ao demarcar que a verdade está aí propriamente. Este retém a espécie captada da coisa natural. Em outras palavras, o intelecto abstrai o universal a partir do particular, a espécie, que será instrumental para a segunda operação. Apesar de a espécie captada ser sempre verdadeira na captação, a verdade não está propriamente na primeira operação, mas somente na segunda. Nessa operação, o intelecto humano, a partir da espécie apreendida, realiza a composição ou separação de sujeitos e predicados, produzida a partir da reflexão, do voltar-se o intelecto para si mesmo. Em seus julgamentos, o intelecto humano não necessita de outro meio, outro recurso, a não ser si próprio. Em outras palavras, o intelecto não carece de outra intermediação que não seja ele mesmo para conceber julgamentos. Tampouco retorna à realidade para certificar-se da veracidade do seu julgamento. Enfim, estamos diante de uma diferenciação das diversas maneiras como se fala da verdade. Para Tomás, ela se encontra nas coisas, nos sentidos, no intelecto que apreende a quiddidade e de forma prioritária na segunda operação de composição e divisão.

A presença da noção de medida na teoria da verdade de Tomás, explorada no capítulo 3, sugere linhas de pesquisa para compreendermos o sentido da verdade no domínio divino e no domínio humano. Deus vem primeiro na ordem da medida. Ele é a primeira verdade, primeira medida, que concede medida, existência a tudo. No domínio humano, as coisas naturais mensuram o intelecto humano e, por isso, seria possível analisar as operações do intelecto pela ótica da medida. Na primeira operação do intelecto humano, a coisa natural manifesta-se ao intelecto, mensurando-o. Devemos dizer, contudo, que identificamos poucos traços do tema da medida no contexto da segunda operação, exceto o papel mensurador do intelecto ao produzir coisas pela arte.

Enfim, o intelecto divino, o supremo mensurador, a suprema verdade fornece medida, verdade, existência a todas as coisas e não é mensurado por

nada.<sup>169</sup> As coisas naturais são mensuradas pelo intelecto divino e mensuram o intelecto humano. Por sua vez, o intelecto humano é mensurado pelo intelecto divino e coisas naturais, mas não é o mensurador desses. O intelecto humano é somente medida das coisas artificiais, concebidas por ele mesmo. E, ainda que Tomás de Aquino utilize o termo “adequação” para a relação entre intelecto divino e as coisas criadas, não é da mesma maneira esse conceito se aplica à relação entre coisa natural e o intelecto humano.

Além disso, o tema da medida não é somente importante para a compreensão da teoria da verdade de Tomás de Aquino. O alcance do conceito de medida pode ser notado em relação à graça<sup>170</sup>, ética<sup>171</sup>, moral<sup>172</sup> e no direito<sup>173</sup>.

No que se refere ao intelecto prático, há uma relação com a verdade prática, verdade da ação humana, indicando que Tomás de Aquino passa da verdade como adequação entre coisa natural e o intelecto humano, para a adequação entre apetite reto e o intelecto humano, o que adentraria<sup>174</sup> nos

---

<sup>169</sup> Vide o quadro sinótico em De Belloy, “A verdade do agir segundo santo Tomás de Aquino”, *Revue Thomiste* 2004, vol. 104, no 1-2, pp. 103-125. Tradução de Ana Resende, P. 112.

<sup>170</sup> Conforme Alice Ramos “(...) o tema da medida em Santo Tomás pode ser encontrado em outra ordem, a ordem da virtude sobrenatural da graça, e da vida divina (...)”. Alice Ramos. *Mensura: un concepto neoplatónico en Tomás de Aquino*. In: **Metafísica y Antropología en el siglo XII**, ed. María Jesús Soto Bruna, P.364.

<sup>171</sup> Tomás de Aquino “além de nomear a reta razão como regra e a medida dos atos humanos”, também trata “do homem virtuoso, o homem de bem, na medida de todo o sujeito humano.”, o que significa que “o homem virtuoso é modelo para os demais”. Idem, *ibidem*, P.363.

<sup>172</sup> Tomás trata sobre o que “o homem deve fazer para ser moralmente bom; a reta razão”. Sendo assim: “a medida ou regra de atos morais já que, quando decidir como deve viver, o homem leva em consideração o alcance ou o grau que lida com o universo (em esse grau é que antes tínhamos chamado a medida intrínseca, considerada metafísica).” Idem, *ibidem*, P.361.

<sup>173</sup> Tomás de Aquino quando trata sobre a lei, concebe-a como “regra ou medida de atos”. Conforme Alice Ramos, a lei pode ser entendida de duas maneiras: “como aquela que cria e mensura” e “como no que é regulado e medido, enquanto participa na regra ou na medida.” No primeira “a razão humana em si mesma não é a regra de coisas” pois “não é a medida das coisas que vêm da natureza.” Na segunda “que todas as coisas estão sujeitas à providência divina, são reguladas e medidas pela lei eterna; participam na lei eterna tanto em que é impresso e bem de esta participação, que derivam das respectivas inclinações de seus próprios atos e efeitos.” Desse modo “o comportamento humano, além de ter uma medida intrínseca, também tem uma medida extrínseca, ou seja, a Razão Eterna ou a lei eterna.” E no que diz respeito ao retorno ao homem à sua gênese e o seu fim, há duas medidas “a razão e a lei, da mesma forma que existem duas medidas que dão conta do passar das criaturas da causa: a forma e a cópia.” Idem, *ibidem*, P.359-360.

<sup>174</sup> Para a verdade prática adentrar no domínio ético, basta “ultrapassar a distinção ainda sumária da coisa natural e da coisa artificial”. Dai não se questiona mais “o que ocorre quando a obra produzida pelo intelecto prático do homem não é mais uma coisa que ele fabrica fora de si mesmo”, mas “o que ocorre quando a obra produzida pelo intelecto prático do homem não é

territórios da virtude e política.

Seguramente são temas que nos remeteriam a uma nova pesquisa na filosofia de Tomás de Aquino, bem como pensadores contemporâneos que recebem sua influência.

---

*mais uma coisa que ele fabrica fora de si mesmo.”* DE BELLOY, Camille. **A verdade do agir segundo santo Tomás de Aquino** ( *La vérité de l'agir selon saint Thomas d'Aquin* ). Tradução de Ana Resende (sob encomenda), P. 112.

## Referências Bibliográficas

### Fontes primárias

AQUINO, TOMÁS DE. em 02-11-2013, às 20:28. **Comentário à Ética a Nicômaco**. <http://dhspriority.org/thomas/Ethics.htm>. Traduzido por C. I. Litzinger, O.P. Chicago: Henry Regnery Company, 1964, 2 volumes. Acesso em 02-11-2013, às 20:20.

\_\_\_\_\_. **Comentário à Metafísica**. <http://dhspriority.org/thomas/Metaphysics.htm>. Traduzido por John P. Rowan Chicago, 1961. Html editado por Joseph Kenny, O.P., com adição do latim e grego. Acesso em 02-11-2013, às 20:28.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao Tratado da Trindade de Boécio – Questões 5 e 6**. Trad. bras. de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Peri Hermeneias**. GARDEIL, H. D. **Iniciação à Filosofia de S. Tomás de Aquino**. Introdução/ Lógica. Trad. Wanda Figueiredo. São Paulo: Duas Cidades, 1967.

\_\_\_\_\_. **Questões disputadas sobre a alma** Tradução de Luiz Astorga. ÉRealizações. 2012.

\_\_\_\_\_. **Questões disputadas sobre a potência de Deus**. <http://dhspriority.org/thomas/QDdePotentia.htm>. Traduzido pelos irmãos dominicanos ingleses. Westminster, Maryland: The Newman Press, 1952, reimpressão de 1932. Acesso em 02-11-2013, às 21:06.

\_\_\_\_\_. **Questões disputadas sobre a verdade**. In: LAUAND, Luiz Jean; SPROVIERO, Mario Bruno. **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Questões discutidas sobre a verdade X. Sobre a mente na qual está a imagem da Trindade**. Introdução, tradução e notas: Prof. Dr. Maurílio J. O. Camello, UNISAL – U.E LORENA.

\_\_\_\_\_. **Questões disputadas sobre a verdade**. <http://dhspriority.org/thomas/QDdeVer21.htm>. Traduzido por Robert W. Schmidt, S.J.. Chicago: Henry Regnery Company, 1954. Html editado por Joseph Kenny, O.P. Acesso em 07-03-2013 às 18:20.

\_\_\_\_\_. **Suma contra os gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev. Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Suma de Teologia. Primeira parte, questões 84-89.** Trad. Carlos Arthur R. do Nascimento. Uberlândia: EDUFU, 2004.

### Fontes secundárias

AERTSEN, J. A., **Nature and Creature, Thomas Aquinas's Way of Thought.** Leiden, Brill, 1988.

BOEHNER, P. et GILSON, E.. **História da filosofia cristã.** Desde as origens até Nicolau de Cusa. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

DE BELLOY, Camille. **A verdade do agir segundo Santo Tomás de Aquino.** (*La vérité de l'agir selon saint Thomas d'Aquin*) . Revue Thomiste 2004, vol. 104, no 1-2 (352 p.) [Document : 23 p.] (ref. et notes dissem.), pp. 103-125 [23 page(s) (article)]. Tradução de Ana Resende (sob encomenda).

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **El Tomismo: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino.** Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclée de Brouwer, 1951.

LAUAND, Jean. **Razão, Natureza e Graça – Tomás de Aquino em Sentenças.** <http://www.hottopos.com/mp3/sentom.htm>. Acesso em 11-03-2013 às 19:47.

MORESCHINI, Cláudio. **História da filosofia patrística.** Tradução Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. **O Boi Mudo da Sicília.** São Paulo: EDUSC, 1992.

PIEPER, Josef. **La Verdad de las Cosas, Concepto Olvidado.** Acesso em 11-03-2013 às 23:16. <http://centropieper.blogspot.com.br/2009/02/las-verdad-de-las-cosas-concepto.html> .

RAMOS, Alice. **Aquinas on Measure,** St. John's University Jamaica, New York, Acesso em 21-02-2013 às 22:50 <http://maritain.nd.edu/jmc/ti00/ramos.htm>.

\_\_\_\_\_. **Mensura: un concepto neoplatónico en Tomás de Aquino.** In: **Metafísica y Antropología en el siglo XII,** ed. María Jesús Soto Bruna. Pamplona/ES: EUNSA, 2005.

SEGURA, Carmen. **La dimensión reflexiva de la verdad. Una interpretación de Tomás de Aquino,** 1992, Eunsa, Pamplona.

WIPPEL, John F., **Truth in Thomas Aquinas I,"** *Review of Metaphysics* 43: 295-326 (1989).

\_\_\_\_\_, **Truth in Thomas Aquinas II**, *Review of Metaphysics* 43: 543-567 (1989).

### **Outras fontes de consulta**

ACKER, Leonardo Van, **Está superado o tomismo?** – Separada da revista Universidade Católica Vol. XLI – Jul. – Dez. de 1971.

ALARCÓN, E.: FAITANIN, P. **Atualidade do tomismo**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2008.

ARENDT, Hannah **'Tomás de Aquino e a primazia do intelecto'**, In. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

ECO, Umberto **'Elogio de Santo Tomás'** In. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.

DE ARAUJO. F. Sadoc. **A ciência criadora: interpretação do pensamento de Tomás de Aquino**. Fortaleza. Gráfica Editorial Cearense LTDA. 1976.

FAITANIN, P. **A Natureza da matéria em Tomas de Aquino**. [http://www.aquinate.net/revista/edicao\\_atual/Artigos/01/a-natureza-da-materia-em-tomas-de-aquino.pdf](http://www.aquinate.net/revista/edicao_atual/Artigos/01/a-natureza-da-materia-em-tomas-de-aquino.pdf). Acesso em 14-05-2013 às 23:10.

FORMENT, Eudaldo. **El orden del ser. Antologia filosófica**. Edición, introducción y notas de Eudaldo Forment. Madrid.Tecnos, 2003.

GRABMANN, Martinho, **A filosofia da cultura de Santo Tomás**. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Vozes, 1959.

ISAYE G. **La théorie de la mesure et l'existence d'un maximum selon saint Thomas**. Archives de Philosophie, 16.1. Paris, 1940.

JOSAPHAT, Carlos. **Tomás de Aquino e a nova era do espírito**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LOTZ, Johannes. **Martin Heidegger e São Tomás Aquino**. Lisboa. Instituto Piaget, 2002.

KENNY, Anthony, **São Tomás de Aquino**. Traduzido do inglês por Maria Manuela Pecegueiro, Lisboa, 1981.

KRETZMANN, Norman & STUMP, Eleonore (Eds.). **"The Cambridge Companion to Aquinas"**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAUAND, Luiz Jean. **O que é uma Universidade?**. Perspectiva, 1987.

LEITE, Thiago Soares. **Tomás de Aquino e o conceito de adaequatio**. Porto Alegre, 2007 – Acesso em 24-06-2013 às 15:47. [http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=460](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=460) .

NASCIMENTO, Carlos Arthur R. do. **De Tomás de Aquino a Galileu**. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, IFCH, 1998.

SANT'ANNA, Lucia. **Um estudo sobre a verdade na Suma de Teologia de Santo Tomas de Aquino**. Campinas, 2008. Acesso em 24-06-2013 às 15:55. <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000428229&fd=y> .

TORRELL, Jean Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: Sua Pessoa e Obra**. 2ª ed. Trad. Luiz Paulo Rouanet. Rev. Saulo Krieger et al. São Paulo: Loyola, 2004.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I**, São Paulo: Loyola, 1999.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento e Teoria da ciência**. 2. edição. São Paulo: Paulus, 2008.